



Moda Luxo

Uma sociedade cosmética

Editorial

À questão "o que é a modernidade?", Kant respondeu: deixar a minoridade, tornar-se adulto. A hipermodernidade, por sua vez, segundo Gilles Lipovetsky no livro *Les temps hypermodernes*, Paris: Grasset, 2004, se caracteriza no tornar-se perpetuamente "jovem". E para isso a moda e o luxo são caminhos importantes. É este o tema de capa do **IHU On-Line** desta semana.

Muitos se perguntarão se cabe discutir este tema numa sociedade, como a brasileira, com tão flagrantes desigualdades sociais. Não será cínico discutir a moda e o luxo numa sociedade onde há milhões de seres humanos que não conseguem satisfazer as suas necessidades básicas?

Sim, é nesta sociedade que o tema da moda e do luxo assumem uma importância ainda maior, pois a moda, o luxo, o hiperindividualismo, são ingredientes do caldo cultural no qual nos movemos. Sem cair num moralismo barato, este boletim quer contribuir para uma melhor compreensão da mudança ético-cultural da sociedade na qual vivemos. Para isso contamos com a colaboração de Gilles Lipovetsky, autor de inúmeros livros sobre o tema, Solange Wanjinman, professora do programa de pós-graduação em Comunicação e do Curso de Graduação de Moda da Unip, Maurício Guzmán Chavez, doutor em Sociologia Política pela UFSC e Heloisa Buarque de Almeida, antropóloga, da Unicamp.

Dando continuidade à discussão do tema de capa do último número sobre a China, entrevistamos a professora Zhou Shu, do Departamento de Filosofia da Universidade da China sobre as tendências culturais chinesas na contemporaneidade.

Também, neste número, divulgamos, em primeira mão, a programação do Seminário Nacional A Era Vargas em questão. Promovido pelo IHU em parceria com o PPG de História da Unisinos, este evento acontecerá de 23 a 25 de agosto de 2004.

A todos e todas uma boa leitura e uma ótima semana!

MODA E BELEZA NO IMAGINÁRIO DE ESTUDANTES DA UNISINOS

Moda, roupas, cosméticos, cirurgias; afinal, o que é ser um homem ou uma mulher bonitos, quais são os indicativos de beleza, até que ponto a moda e os novos dispositivos de beleza influenciam os nossos imaginários, os nossos desejos, os nossos guarda-roupas e os nossos bolsos? IHU On-Line conversou, nos corredores da Unisinos, com diversos estudantes a esse respeito, para iniciar o nosso tema de capa. Acompanhe trechos dessas conversas.

Isabel Antunes Dias, 23, estudante de Letras, é recepcionista e mora em São Leopoldo.

“Eu faço meu estilo, procuro usar uma calça jeans, normal, tênis ou uma bota; no frio, um casaco bem quente. Não sigo moda nenhuma, faço minha própria moda. Claro, procuro andar bem arrumada. A beleza maior mesmo está dentro, aquilo que tu passas para as pessoas. Uma mulher arrumada é bonita. Se tivesse que mudar meu corpo? Acho que não faria nenhum tipo de cirurgia, gastaria em outras coisas, por enquanto, pelo menos, mais adiante, não sei”.

Rafael Pereira, 22, estuda Direito, mora em Esteio e é estagiário.

“Procuro me vestir com o que me sinto bem. Uma mulher bonita? Não muito alta, tenho preferência por loira. Em relação ao corpo, tenho amigas que já colocaram silicone ou fizeram plástica no nariz e investiram dez mil reais nisso, mas eu nunca gastaria em algo desse tipo. Se tivesse essa grana, iria viajar. Beleza é importante, não se deixa de lado, é a primeira impressão, mas o que vale mais é a pessoa de seu jeito”.

Jefferson Monticelli, 24, é bancário, estuda Comércio Exterior e mora em Porto Alegre.

“Para formar meu vestuário, me baseio nas roupas que pessoas conhecidas utilizam e que ficam legais nelas, vejo se ficam bem em mim e acabo usando ou não. Beleza é fundamentalmente a pessoa se sentir bem consigo mesma. Isso cria um clima totalmente diferente nela, que ela passa para as que a cercam. Uma pessoa bonita? Tem que ser legal, cuidar o corpo, tem que ser vaidosa, porque, muitas vezes, acaba sendo despojada demais com a correria do dia-a-dia, se sentir bem... O que faz as pessoas se sentirem bem? Bom é, por exemplo, essa sensação que se tem quando se usa uma roupa nova: tu te sentes diferente, especial. Se conseguisses transpor essa sensação para todos os dias, acabarias sendo mais feliz e, ao mesmo tempo, te sentindo mais bonita. Mudar algo em mim? Basicamente não... algum ou outro detalhe, do tipo deixar a barba menos espessa”.

Jeferson Luis Staudt, 24, estuda Engenharia Elétrica, mora em Ivoti e trabalha como técnico em eletrônica.

“Não sigo nenhum padrão, eu sou eu. Quando vou à loja, compro o que me agrada. Claro, isso pode ter alguma influência externa, porque eu ando de skate e geralmente compro alguma roupa mais relacionada. É meu esporte preferido e é meu estilo. A moda não é minha praia, não ligo nem um pouco. Para mim, uma mulher bonita em relação ao corpo, ela tem que ter harmonia, uma figura que feche, saiba se vestir, saiba falar, não seja fútil. Se mudaria algo em mim? Talvez emagreceria um pouco, mas não me estresso muito em relação a isso”.

Luciana Daudt, 19, mora em Sapucaia e se prepara para fazer vestibular.

“Uso o que acho bonito. O problema que existe é que, quando tem uma moda, tu só encontras esse padrão para vender, todas as lojas seguem o padrão e fica muito difícil achar o que tu gostas e que te faz sentir bem. Problema com a moda? Não, não tenho problema de me identificar com a moda,

não tenho estilo nenhum, pego o que tem de mais simples. Em relação à beleza, acho que um homem bonito deve ser alto, com um sorriso bonito, dentes bonitos, aspecto de limpo, de saudável. Homem bonito não pode ser musculoso demais, é muito feio esses homens gigantes, também não gosto de magricelos, de preferência que seja moreno e bem branquinho. Em relação a mim? Se pudesse, gostaria de emagrecer sem plástica e compraria roupas, gastaria muito, compraria tudo o que acho bonito. Se tivesse dois mil reais, compraria tudo em roupas, se tivesse mais gastaria também em jóias”.

Maria Vanzella, 19, estuda Ciências Contábeis e mora em Sapucaia. “Tenho minha moda, só que costumo combinar e tento ficar atualizada pela internet e pelas revistas. Tento ter meu estilo, mas sempre acompanhando a moda. Hoje, seria predominância preto e branco, calçados bico fino, alto ou, então, uma sapatilha. Estilo mais social. Alguém bonito? Simpatia é tudo, mais que a beleza. Pessoas belas, para mim, são pessoas bem arrumadas, combinadas. No caso da beleza masculina, ele deve ser alto, magro, olhos, de preferência, claros, cabelos médios, bem tratados, dentes perfeitos: os dentes são tudo em uma pessoa, porque o sorriso compra. Em relação a mim: sou feliz do jeito que eu sou, não mudaria nada”.

Mariane Oliveira, 21, estuda Direito e mora em Montenegro. “Considero muito o valor das coisas, gosto do que é barato, o caro nem combina com meu estilo de vida que é simples. Gosto do estilo do campo: cowboy, country, essas coisas. Moda que não vê ninguém usando, não uso, não sou contra, mas não uso. Adoro roupa colada e muito curta.

Beleza? Até poderia dizer o que é uma mulher bonita, no homem acho que vai mais na personalidade dele, no seu jeito. A mulher não deve ser muito magra, se tiver mais corpo é mais bonita que se é totalmente seca. No homem, acho importante os dentes, os olhos, a mão. Eu, particularmente, não gosto de gordo, de preferência se for alto, tanto faz se é moreno ou loiro, mas, sim, de pele clara, porque eu sou clara também. Em relação a mim, se tivesse coragem, faria uma lipo na barriga e no culote, daria uma “turbinação”, mas, antes de dinheiro, precisaria ter coragem. Além disso, colocaria um piercing no dente. Olha, para ter o guarda-roupa que eu quisesse, o corpo que eu quisesse, acho que não gastaria mais de cinco mil reais, não sou muito exigente: o que interessa é tu te sentires bem, não interessa tanto o que estás usando”.

Ana Angélica Wilske, 20, estuda letras, é estagiária. “Tenho minha própria moda, sigo um padrão com cores neutras, discretas. Sou mais social. Fico atenta à moda. Para serem bonitas, as pessoas devem ter bastante corpo, bastantes seios, bumbum. Gosto mais dos loiros, com olhos azuis, pele branca, alto, nem gordo nem magro. Em relação ao meu corpo? Talvez tirasse celulites e estrias, se pudesse”.

Fabrizio Zanin, 24, estudante de Direito, mora em São Leopoldo e é estagiário na área de Direito. “Eu me preocupo com o padrão de minha profissão, porque ela exige um certo tipo mais formal e me preocupo também com as cores, procuro combinar sapatos, calça e meia social. Meia combinando com a calça, cinto combinando com os sapatos. Camisa, colete, blazer de lã para que fique mais jovem. Visto assim, não só pela profissão, sinto que passo para as outras pessoas algo bom. Beleza feminina? Eu gosto do corpo como um todo, tem que ser proporcional. Algo que eu olho muito é o rosto, o olhar de uma mulher pode me conquistar mais que um corpo. Alta, morena, olhos claros, magra, não muito: se tivesse que dizer um único modelo ideal, seria esse, só que fica ruim defini-lo assim; depende muito de cada uma. Eu me sinto bem assim, não é tanto o corpo que faz a pessoa bonita, mas se tivesse mais dinheiro

agora, compraria algumas roupas, mas não faria nenhuma modificação em meu corpo. Quanto gastaria em roupa? Uns três mil reais estaria ótimo”.

MODA, LUXO E HIPERINDIVIDUALISMO

Entrevista com Gilles Lipovetsky

Gilles Lipovetsky, 59, é sociólogo, filósofo e escritor. Professor da Universidade de Grenoble - França, de onde concedeu entrevista ao **IHU On-Line** por telefone. Lipovetsky é autor de alguns livros como **A era do vazio**. Lisboa: Relógio de Água, 1989; **La crepuscule du devoir. L' éthique indolor des nouveaux temps démocratiques**. Paris: Gallimard, 1992 (em português **O Crepúsculo do Dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Lisboa: Pub. D. Quixote, 1994); **A Terceira Mulher. Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; **O Império do Efêmero. A moda e o seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Junto com Eliette Roux escreveu o livro **Le luxe éternel: De l'âge du sacré au temps des marques**. Paris: Editions Gallimard, 2003; **Les Temps Hypermodernes** (Os Tempos Hipermodernos). Paris: Grasset, 2004; e **Metamorfoses da Cultura Liberal Ética, mídia e empresa**. Porto Alegre: Sulina, 2004. Na edição 92 do **IHU On-Line**, de 15 de março de 2004, reproduzimos a entrevista de Gilles Lipovetsky, concedida à **Folha de S. Paulo** de 14-3-04 com o título *A pós-modernidade foi apenas um sonho de uma noite de verão?*

A seguinte entrevista foi realizada, transcrita e traduzida pelo prof. Dr. Fernando Althoff, professor e coordenador do PPG em Geologia da Unisinos, a quem agradecemos.

IHU On-Line- O último relatório sobre o estado do mundo da WorldWatch¹ chama a atenção para os riscos de destruição do planeta causado pelo excesso de consumo. Como o senhor vê o luxo neste contexto?

Gilles Lipovetsky- Neste caso, o que está em questão é o consumo em geral. Não se questiona o luxo em particular quando se fala, por exemplo, do consumo de petróleo causado pelos carros, que cria poluição, quando se fala da destruição da biodiversidade etc. O luxo está dentro de tudo isso, mas não é o maior culpado, porque ele traz uma exigência de qualidade. Os produtos de luxo são mais duráveis. Quando compramos uma bela bolsa, por exemplo, não a jogamos fora depois de seis meses ou de um ano. E se consideramos os produtos naturais saudáveis – que não são produtos de luxo absoluto, concordo –, percebemos que estes produtos tendem, principalmente, ao respeito do espaço, do ambiente, porque, por serem caros, podem-se permitir respeitar mais o meio ambiente. Portanto o luxo é algo ligado mais ao consumo durável do que ao consumo Kleenex², do totalmente descartável.

IHU On-Line- Não haveria, então, uma relação direta entre luxo e desperdício?

Gilles Lipovetsky- Você tem razão, o luxo tem uma ligação bastante estreita com o desperdício. Aliás, isso é tão velho quanto o mundo. O luxo sempre foi concebido como uma forma de dilapidação, de excesso, de desperdício, mas o problema é que em uma sociedade de consumo é toda a sociedade que funciona como um desperdício. Porque hoje os produtos são feitos para serem descartáveis, não é mais simplesmente o luxo que é sinônimo de desperdício. Há tempos atrás, foi a moda, por exemplo, mas, hoje em dia, todo o consumo leva ao desperdício.

¹ Sobre esse relatório, **IHU On-Line** entrevistou o diretor de pesquisa do WorldWatch Institute, Gary Gardner, na edição n.º 100 do **IHU On-Line**, de 10/05/2004. (Nota do **IHU On-Line**)

² Marca de lenços de papel; usado como sinônimo de produto descartável. **Nota do tradutor.**

IHU On-Line- A moda é hoje uma força de produção. O senhor acredita que a moda conseguiu remodelar a sociedade à sua maneira?

Gilles Lipovetsky- Sim, e muito. O que chamamos de sociedade de consumo, e mais exatamente de hiperconsumo, é um mundo reestruturado pela lógica da moda, que usa a mudança permanente, a inovação, a sedução, a diversificação marginal de produtos, a personalização dos artigos. Esta lógica da moda ultrapassou em muito a esfera do vestuário e reestruturou as indústrias de consumo. E este é evidentemente um dos fatores que provocaram a individualização do comportamento, do modo de vida. Isto tem uma importância enorme, porque provocou o que denominei como “segunda revolução individualista”. A lógica da moda também deslegitimou, desqualificou as ideologias sacrificiais – o sacrifício pela nação, ou pela revolução. Esta lógica propagou nas pessoas o gosto pelo bem-estar, pela liberdade, pelo viver melhor. Hoje as pessoas vivem mais por elas mesmas, pelo presente, e não mais por um futuro – a cidade ideal, o novo homem etc. Neste sentido, pode-se dizer que a idade da moda, de certa maneira, reforçou a legitimidade da sociedade democrática, porque não há mais, hoje em dia, verdadeiras alternativas para a democracia. E os direitos do homem tornaram-se os princípios aceitos por todos, e não são mais rejeitados ou denunciados pelos homens. Creio, então, que a sociedade da moda transformou profundamente as sociedades democráticas e desqualificou as formas autoritárias, as formas disciplinares que, durante séculos, foram estruturantes. É claro que esta *forma moda* tem muitos inconvenientes e vícios, porque privilegia a procura da felicidade privada, privatiza as existências, despolitiza, de certa maneira, os cidadãos, que preferem assistir à televisão ao invés de se mobilizar por grandes causas coletivas ou políticas. Por um lado, a *forma moda* empobreceu a democracia, mas, por outro, deu a ela uma nova força, que faz com que as perspectivas da violência política, por exemplo, não tenham mais simpatizantes nas sociedades ricas, nas sociedades que conhecem a lógica da moda.

IHU On-Line- O hiperindividualismo é coisa recente?

Gilles Lipovetsky- O individualismo não é uma tendência recente, ele nasceu provavelmente por volta do século XVII. Naquela época, havia um individualismo limitado, porque ainda controlado pela igreja, pela política, pelo estado, pelos enquadramentos da família, pela diferença dos sexos. Tudo isso colocava limites muito fortes às paixões de autonomia individual. Desde o século XVIII até os anos 1950 ou 1960 tem-se um princípio individual que é reconhecido, que é legítimo, mas, ao mesmo tempo, as forças coletivas colocavam freios nesta autonomia. A sociedade da moda quebrou os enquadramentos antigos, e, de repente, não estamos mais em um individualismo, mas em um hiperindividualismo, porque desde então o indivíduo se afirma independentemente dos enquadramentos coletivos.

IHU On-Line- Há alguma alternativa possível ao hiperindividualismo? O que virá depois dele?

Gilles Lipovetsky- Não existe depois. O que existe são diferentes formas possíveis deste hiperindividualismo. Aqui é preciso deixar claro: hiperindividualismo não significa cada um na sua casa, com seu computador, seu carro e sua televisão. Esta é uma das faces do individualismo, mas existem outras. O futuro está aberto. Por exemplo, é falso dizer que o hiperindividualismo conduz à ruína do religioso [das religiões]. Vê-se que se reconstitui uma necessidade dos indivíduos se integrarem em coletivos, em grupos. Onde o individualismo é exacerbado, vê-se que existem muitas associações de voluntários, pessoas que se engajam em combates coletivos. Os combates são naturalmente menos políticos, menos ideológicos, mas isso não faz desaparecer as formas de contestação, de recusa, da nossa sociedade. O

hiperindividualismo é uma estrutura global que permite, para o futuro, imaginar culturas e sociedades extremamente diferentes. A sociedade contemporânea permitiu a afirmação do princípio individual mais do que a afirmação do princípio coletivo. Neste sentido, podemos dizer que estamos em um individualismo total. Porém, mais uma vez, “total” não significa que não há ligação com formas coletivas, porque os indivíduos têm necessidade de reconhecimento, têm necessidade de calor humano, de se sentirem úteis. E penso que não se deve associar, ou identificar, o reino da subjetividade ou do indivíduo total com o egoísmo absoluto, com o cinismo. O amor, por exemplo, permanece como um valor; a ajuda entre os homens continua. É falso dizer que o individualismo é equivalente ao egoísmo, como se as sociedades anteriores fossem ideais, com homens bons, generosos, altruístas. É uma ilusão, nas sociedades antigas havia muito ódio, violência, crueldade, inveja. Hoje os homens são hiperindividualistas, mas não são piores, não são mais egoístas do que antigamente. Talvez eles não sejam melhores, mas não são piores.

IHU On-Line- Como o senhor analisa as concentrações de luxo e de pobreza em sociedades com grandes desigualdades, como é o caso do Brasil?

Gilles Lipovetsky- É evidente que o luxo, em sociedades, como a de vocês, é algo escandaloso do ponto de vista ético e moral. É algo inaceitável, porque se vêem ilhas com casas fantásticas, carros... um luxo inacreditável, e ao lado se vêem crianças descalças, que não vão a escola, que não comem o suficiente para matar sua fome. É inegável que o luxo, como já teria dito Rousseau, tem algo de escandaloso. Não se deve fazer o elogio incondicional do luxo. Existem formas que são chocantes e pedem uma ação política para tentar reduzir as desigualdades. A crítica do luxo também não deve ser completa, total, porque é difícil imaginar uma sociedade totalmente sem luxo. Isso não é conhecido e não existe. Ninguém deseja uma sociedade totalmente desprovida de luxo, porque isso seria suprimir tudo o que há de mais belo, formas de sonho, de prazer sensual voluptuoso. As obras de arte também são formas de luxo. Ninguém deseja a destruição da arte. Os edifícios públicos são formas de luxo, as catedrais foram luxo; se forem suprimidas todas essas formas de luxo, ir-se-á em direção a uma sociedade totalmente asséptica, triste. Mas penso que isso não ameaça nem um pouco o Brasil, que conhece na sua vida quase cotidiana um certo gosto pelo luxo. O carnaval é uma forma de luxo. Um tipo de luxo popular, mas luxo. Porque o luxo pode ser encontrado em todos os níveis da sociedade. Há um luxo inaceitável, ou em todo caso criticável, mas não é o princípio do luxo em si que deve ser condenado.

IHU On-Line- Então, as três principais características do luxo que o senhor assinala – individualização, emocionalização e democratização – valem também para países do terceiro mundo?

Gilles Lipovetsky- Você tem razão. A análise que fiz é uma tendência, característica das sociedades ocidentais da Europa do oeste e do norte. É verdade que nos países do sul, como no Brasil, por exemplo, a análise deveria ser atenuada. Eu jamais quis dizer que as formas mais tradicionais de luxo – o luxo ostentatório, por exemplo – tivessem desaparecido completamente. Creio que os novos-ricos, por exemplo, sempre tiveram vontade de exibir, de mostrar seus sinais de riqueza, e isso é chocante, é inegável. Então, é provável que, no caso brasileiro, a emocionalização do luxo seja menos forte do que na Itália, na Espanha, ou na França, onde há todo um conjunto de pessoas que não são excessivamente ricas, mas que de tempos em tempos gastam com um bom hotel, um restaurante de luxo, uma bela jóia. Trata-se de um luxo ocasional, que não é feito para abismar os outros, não é feito para brilhar, e sim para se ter

momentos de felicidade, de desfrute sensual por meio de experiências. Não estou certo de que seja esta a forma dominante no Brasil. Reconheço que é uma tendência, mas não é a única.

IHU On-Line- O senhor também tem falado sobre as relações entre o luxo, o feminino e o sagrado...

Gilles Lipovetsky- São relações que se dão na escala do desenvolvimento da civilização. Nas sociedades primitivas, o luxo era portado pelos homens. Era um símbolo de poder. Acontece que no Renascimento ocorreu o que denominei de “sensualização do luxo”, uma estetização do luxo, que começou a puxar o luxo para o lado dos valores femininos. O luxo pendeu então para o lado do prazer mais do que para o lado do poder. Trata-se aqui do gosto das pessoas pelas obras de arte, o prazer voluptuoso pelas coisas belas, que é uma forma de amor, uma forma de afeição pelas coisas mais belas. Pode-se dizer que, desde há alguns séculos, o luxo tem alguma coisa a ver com o erotismo. Nos tempos antigos, o luxo também era em grande parte ligado ao sagrado. Era a maneira de honrar as forças divinas. As catedrais são um exemplo. A maneira de enterrar os mortos era uma forma de fazer um pacto com os mortos e com as entidades sagradas. Hoje em dia, não é mais assim. A questão é: será que toda a dimensão de eternidade desapareceu? Em meu livro, digo que uma pequena parte disso ainda subsiste. No amor às coisas belas, há a vontade de escapar da sociedade da moda, da sociedade do efêmero. Quando você compra uma bela jóia, você sabe que é para toda a sua vida; as mulheres sabem que as darão às suas filhas. Um final de semana, com uma maravilhosa viagem, passando por um grande restaurante, é uma lembrança eterna. Não é o mesmo que ir a um pequeno hotel que depois você esquecerá. Você terá uma experiência excepcional. É talvez uma maneira de contrabalançar a sociedade descartável, onde tudo muda, e onde nada mais tem valor. Eu penso que o luxo é uma maneira de recompor uma parte – muito pequena – de eternidade dentro da sociedade do movimento e do efêmero.

IHU On-Line- No que o senhor vem trabalhando atualmente?

Gilles Lipovetsky- Estou terminando um livro. Creio que ele estará pronto em oito meses, mais ou menos. Nele analiso a sociedade de hiperconsumo e seu impacto sobre a felicidade e o prazer.

IHU On-Line- O senhor tem acompanhado o debate em torno do desenvolvimento sustentável?³

Gilles Lipovetsky- O assunto é bastante interessante, porque é também um dos paradoxos da época. Por um lado, a sociedade é uma sociedade do efêmero, da moda e, ao mesmo tempo, vê-se que a questão do desenvolvimento sustentável ganha cada vez mais importância, porque, apesar de tudo, há uma consciência do problema do futuro: o problema do clima, o problema da diminuição das riquezas naturais etc. O desenvolvimento sustentável é um combate. Ele não se fará sozinho, mas há gente que escreve, gente que combate para despertar a consciência. Penso que, com a consciência e com os problemas que ainda iremos conhecer, haverá uma dinâmica que fará com que inventemos, necessariamente, dispositivos de ecologia industrial para a proteção da natureza. Atualmente, é verdade que, de todos os países, os EUA parecem os mais inconscientes do futuro do planeta. Creio que é um erro. É preciso agir. É uma luta.

IHU On-Line- O senhor já esteve no Brasil algumas vezes e estará voltando em breve. Que imagem o senhor faz do Brasil?

³ Sobre este tema cf. **IHU On-Line** n.º 100, de 10 de maio de 2004.

Gilles Lipovetsky- Tenho alguns amigos no Brasil, de quem gosto muito. Como vou geralmente às mesmas cidades – São Paulo, Rio, Porto Alegre, Belo Horizonte – não conheço muitos lugares. Sou sempre muito bem recebido, e é sempre uma felicidade estar aí. Inclusive, retornarei ao Brasil em meados de agosto próximo para passar uns 12 dias [estará em Porto Alegre no dia 21 de agosto]. O Brasil é, você sabe melhor do que eu, o país que tem mais desigualdade, mas tem um potencial de desenvolvimento absolutamente considerável. É evidente que o século XXI verá o Brasil tornar-se talvez uma hiperpotência. Por isso o Brasil é para mim um lugar extremamente interessante de se ver. Por um lado, ele tem ainda alguma coisa de quase arcaico, quase pré-moderno, e, ao mesmo tempo, é um país que já entrou no século XXI e anuncia um potencial fantástico. É um observatório extremamente interessante de misturas e de novas formas que a hipermodernidade poderá tomar.

A SOCIEDADE COSMÉTICA

Entrevista com Mauricio Guzmán Chavez

*Mauricio Genet Guzmán Chávez, nascido no México em 1968, concedeu uma entrevista por telefone ao **IHU On-Line** sobre a temática da presente edição. Guzmán graduou-se em Antropologia Social na Universidad Autónoma Metropolitana (UAM) do México. É mestre em Antropologia Social pelo Centro de Investigaciones y Estudios Superiores em Antropología Social (CIESAS), em Guadalajara, no México, e doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sua tese, defendida no último dia 31 de maio de 2004, tem o título "O mais profundo é a pele: sociedade cosmética na era da biodiversidade". Suas áreas de interesse são ecologia humana, antropologia da saúde, desenvolvimento sustentável e produção, e consumo nas sociedades contemporâneas. É membro ativo da ONG Klimata Centro de Estudos Ambientais, uma organização ambientalista cujo objetivo é a conservação da mata atlântica e o desenvolvimento sustentável na ilha de Santa Catarina.*

IHU On-Line- O que o senhor define como "Sociedade cosmética" e "vértice entre o consumidor reflexivo e a biodiversidade"?

Maurício Guzmán Chavez- Sociedade cosmética seria, em primeiro lugar, uma dimensão da sociedade de consumo. Faz referência à rede de agentes que se relacionam pela produção de consumo de cosméticos. Eu defino o consumidor reflexivo como aquele consumidor de cosméticos que está interessado em saber como foram fabricados os cosméticos, que tipo de ingredientes utilizaram, se esses cosméticos foram produzidos utilizando animais nos testes de laboratório. Esse consumidor reflexivo de cosméticos passa a fazer suas escolhas procurando saber a procedências dos ingredientes, se eles foram extraídos de forma sustentável e se nesse processo as comunidades locais, de onde são extraídos esses produtos, foram de alguma forma beneficiadas. A respeito, aqui no Brasil, temos o exemplo da Natura que, como outras empresas européias, está interessada em se certificar da origem dos seus produtos, em assegurar-se que eles sejam extraídos de forma sustentável. Isso está começando aqui no Brasil, não está generalizado, é novidade. Porém temos aqui um pequeno problema. Em outros lugares, a sociedade está muito bem informada. Existem grupos de consumidores de uma forma mais organizada. Digamos que esses consumidores fazem pressão a favor desse tipo de produção. Mas, quando falamos de Brasil, temos que levar em consideração que existem grandes desigualdades no consumo, a sociedade está muito segmentada. É difícil para todos assumir um consumo toda hora consciente. Nós temos consumidores que um dia fazem sua escolha porque esses produtos têm uma série de virtudes ecológicas e outros dias, se o bolso não permitir, eles vão consumir aqueles produtos que são mais baratos, que prometem oferecer os mesmos resultados, isso porque todos os mercados verdes estão colocando seus produtos

com um valor agregado. Esse tipo de consumidor também está engatinhando, ao mesmo tempo que a indústria que diz produzir de uma forma ambientalmente correta.

IHU On-Line - Quais são as principais consequências da radicalização da estética pós-moderna?

Maurício Guzmán Chavez- Em primeiro lugar, temos que levar em consideração a centralidade do corpo para pensar em como os produtos cosméticos com virtudes ecológicas começam a ser procurados por um certo grupo de consumidores. O corpo passou a ocupar um lugar central dentro da teoria social contemporânea. Teorias tão contrastantes como a modernização reflexiva de Giddens⁴ e a pós-modernidade, com seus diferentes matizes, autores e consequências (Baumann, Maffesoli, Baudrillard etc.) falam de uma nova fase: o momento social no qual o sujeito é obrigado, por assim dizer, a se apropriar de seu corpo num sentido jamais imaginado para se afirmar, para construir um sentido de identidade. É claro que para autores como Beck⁵ e Giddens este processo de autoconstrução da identidade ainda se realiza no âmago das instituições da modernidade. Mas quando falamos de radicalização no sentido pós-moderno estamos enfatizando o fato da estética ter perdido toda e qualquer pretendida referencialidade canônica. Os padrões e julgamentos sobre o que é belo, sobre o que é arte perderam todo sentido em parte pela saturação, a criação e a arte instantânea, descartável. Eu penso em tudo isso porque a cosmética é algo que passou a ser transcendente para o indivíduo, porém ao mesmo tempo nunca tem deixado de participar de um universo do efêmero. Essa radicalização simplesmente nos viria a confirmar que os regimes de sensualidade e sedução ficam muito mais disponíveis, eles são como um cardápio, como um menu *à la carte*. O sujeito tem essa liberdade, de se inserir em diferentes agrupamentos sociais e definir comportamentos, hábitos. Aí cito a cosmética, que não foi muito estudada, mas me parece que ela é definitiva na sociedade nesse momento. Por um lado, a cosmética cumpre a função de enfeitar a pessoa, de fazer esse jogo das aparências. Há pouco, estive lendo a revista *Veja*, que diz de uma forma superficial, porém interessante, que a sociedade como um todo está voltada, cada vez mais, para o fenômeno das formas das aparências. Nesse sentido, eu falo que tudo se tornou cosmético, e não estou me referindo só a batons e cremes faciais, falo da cosmética na sua dimensão *artifactual*, ou seja, artefatos do corpo, conforme o sentido que lhe dá Marcel Mauss⁶.

⁴ Anthony Giddens expõe suas idéias sobre a modernidade, junto com Ulrich Beck e Scott Lash no livro **Modernização Reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1996. Giddens desenvolve um exame das relações entre a reflexividade institucional e a destraditionalização do mundo moderno. (Nota do **IHU On-Line**)

⁵ Refere-se a Ulrich Beck, sociólogo alemão, professor de sociologia na Universidade de Munique. Ele é considerado como um dos maiores sociólogos atuais. É autor do importante livro **Risikogesellschaft. Auf dem Weg eine andere Moderne** publicado em 1986 e em 1999 com um posfácio. Este livro foi traduzido para várias línguas, exceto o português. A edição italiana que dispomos se intitula: **La società del rischio. Verso una seconda modernità** (A sociedade do risco. Para uma segunda modernidade), Roma: Carocci, 2000. Recentemente publicou o livro **Macht und Gegenmacht im globalen Zeitalter**. Suhrkamp Verlag, 2002. A tradução francesa se intitula: **Pouvoir e contre-pouvoir à l'ère de la mondialisation** (Poder e contrapoder na era da globalização), Paris: Aubier, 2003. (Nota do **IHU On-Line**).

⁶ Marcel Mauss refletiu sobre a arbitrariedade cultural de nossos comportamentos mais casuais, definindo o corpo como o primeiro e mais natural objeto técnico e, ao mesmo tempo, meio técnico do homem. Sobre Marcel Mauss, pode-se ler a entrevista de Alain Caillé publicada no **IHU On-Line**, n.º 96, de 12 de abril de 2004, a propósito da publicação do livro **História Argumentada da Filosofia Moral e Política. A Felicidade e o útil**, organizado por Alain Caillé, Christian Lazzeri e Michel Senellart. (Nota do **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Quais os principais elementos que fazem parte das novas fábricas de corpos?

Maurício Guzmán Chavez- Não sei se diríamos fábricas de corpos. É evidente que a sociedade brasileira se apega muito à forma. É um país onde se realizam montes de cirurgias estéticas. Isso é visto no mundo todo, essa preocupação pelo corpo, mas que aqui no Brasil tem um significado importante. Existe uma série de novas configurações ideológicas. Aí teríamos que falar de regimes alimentares, regimes de sedução, são vários dispositivos que configurariam novas ideologias sobre o corpo. Uma parte se encontra definida pela subjetividade dos indivíduos, mas também temos que analisar o quanto contribuem a propaganda, o *marketing*, como são decodificadas todas essas mensagens. Até que ponto há realmente uma fábrica que funciona com poderes externos ao sujeito e até que ponto o sujeito é que está definindo uma nova forma de olhar seu corpo, de dar-lhe significado, de dar sentido a seu corpo.

IHU On-Line- Como definiria o atual imaginário de beleza e como acontece a padronização e globalização do gosto e dos valores de beleza? Como esse imaginário atravessa as diferentes culturas e classes sociais?

Maurício Guzmán Chavez- Nós vivemos vários fenômenos entrelaçados. A radicalização da estética pós-moderna como insinuei anteriormente significa que os corpos têm sido liberados; alguns autores como Lipovetsky falam de *desubstancialização* dos corpos. E por este conceito o autor se refere ao fato de que os corpos podem ser moldados, intervindos, transformados à vontade, tudo graças à depuração nas técnicas cirúrgicas, *peelings*, lipoaspiração etc., porém também, na medida em que o corpo se torna o palco central, o indivíduo só pode completar sua travessia, o processo de autoconstrução faz desse corpo assunto de reflexividade⁷. Em outras palavras, o corpo não é mais uma fortaleza ou algo hermético, e aqui me refiro às novas terapêuticas, e falo novas porque, apesar de serem antigas, agora elas se massificaram: iogas dos mais diversos tipos, bebidas inteligentes, regressões pré-natais e tudo o mais que fazem realmente interessante a aventura de viver no mundo de hoje. Então penso que esse imaginário da beleza hoje como nunca antes é um imaginário profundamente chato cheio de recursos previsíveis, de fórmulas e apelos que cumprem seu objetivo, mas atrás dos quais se descobrem uma série de fantasias frustradas em relação ao amor, ao sexo, à felicidade. Mas, por outro lado, e seria triste pensar que este é o único quadro, o imaginário da beleza está sempre escorrendo e fazendo caretas à razão instrumental. O imaginário da beleza mexe com tudo que anteriormente estava proibido, guardado no cofre das boas maneiras, do recato e do pudor. A propaganda da cosmética e dos bens que se agregam ao corpo por vezes parece ousada e se apresenta como um acinte desse imaginário. Não podemos negar a sofisticação dessa arte do corpo insinuante de que menos gostam os neoconservadores. Obviamente que a globalização trouxe uma disseminação de um tipo de sensualidade monolítica e em termos de uma crítica feminista bastante anacrônica diria eu, mas isso hoje não é mais tão forte. Ainda existe o padrão da mulher loira, ruiva, de olhos azuis, mas já estamos num momento de grande segmentação que não é senão um reflexo de que o novo não é só mercados verdes, mas novos discursos e práticas abertas nas relações íntimas. Há autores que pensam que o processo que está a caminho conduz a uma maior homogeneização das preferências. Mas o que estamos vendo é uma mistura muito mais complexa de gostos, estilos, inclinações. Vemos que existe uma série de padrões de beleza, o tipo de homem e o tipo de mulher. A mulher nova,

⁷ Para continuar esta reflexão, sugerimos ler o **Cadernos IHU Idéias**, n.º 16, sob o título **Mudanças de significado da tatuagem contemporânea**, de autoria da Prof^a. Dr.^a Débora Krische Leitão, publicado em 2004.

empreendedora, auto-suficiente, jovem e magrela, e para ela o homem musculoso, atento, mas que agora se permite chorar e mostrar suas emoções. Contudo, vejo que, em certos casos, algumas empresas se tocaram que isso tem um limite e começaram a se voltar para a valorização de uma beleza que não se define unicamente pela idade; eles estão trabalhando a idéia de que a beleza é o reflexo de uma atitude de bem-estar e felicidade interior.

IHU On-Line - Quais são hoje os centros de moda que definem esse imaginário?

Maurício Guzmán Chavez- Existem tendências e centros hegemônicos da moda. Os desfiles são sumariamente importantes nesse sentido. No Brasil, temos a reprodução de um modelo global para a definição do que é moda, e sem dúvida nenhuma acredito que os *shoppings* de São Paulo desempenhem um papel importante para o resto do País na definição do que é considerado moda. Porém, às vezes, me sinto mais seduzido a pensar que a moda sem estilo é o que vinga como fenômeno social total nas grandes cidades latino-americanas. E o sem estilo é uma categoria mais apropriada para falar da pós-modernidade em nossos países. Vou explicar, por sem estilo entendo a situação na qual todos reciclamos e mesclamos objetos de nosso armário. Claro que existe uma certa obsessão e ansiedade para ter tal ou qual modelito, embora sabemos bem que às vezes é impossível satisfazer todos os desejos. Pense no que seus olhos informam quando você entra no metrô ou sobe ao ônibus para ir ao trabalho ou à escola. Tudo é eclético, diverso, colorido, multiforme. Em nossas cidades, a perda de sentido do conceito vanguarda não acontece simplesmente pela velocidade com a qual se sucedem as modas, mas porque os coletivos sempre têm sido definidos por um estilo de vida em que a modernidade sempre aconteceu de forma fragmentada, irrisória, incompleta e fraudulenta. Na pós-modernidade, somos obrigados a escolher, somos obrigados a assumir um estilo. Somos obrigados a comprar alguma coisa que defina nossa personalidade. O ato de compra é central. Tem gente que discute que a cidadania tem que passar pela possibilidade de compra, que a pessoa possa fazer escolhas de forma livre e informada. Em relação à sensualidade e ao imaginário que mexe com o estilo, a aparência e a beleza, é difícil pensar num centro que define a moda. Os coletivos sociais digerem as mensagens que se criam nesses supostos centros hegemônicos da moda, ou seja, as mensagens são decodificadas, dependendo da cultura, da classe social e dos gostos íntimos.

IHU On-Line - Qual é a "promessa" da indústria dos cosméticos?

Maurício Guzmán Chavez- Atualmente, é a promessa do bem-estar, que se tornou uma questão muito importante para as pessoas. Quando falo de cosméticos ambientalmente corretos ou cosméticos verdes, é um conceito-alvo de críticas, porque não é bem assim como se diz. Você utiliza produtos que têm componentes naturais, mas que não são 100% naturais. A promessa dos cosméticos tem a ver com o fato de que eles são seguros. Nós vivemos numa sociedade como a brasileira em que o sujeito sente-se ameaçado por todos os lados, mas não como fala Beck na sua *Sociedade de Risco*, o brasileiro se sente ameaçado pela insegurança laboral, pelas condições precárias de moradia, por doenças e o deficiente sistema de saúde. Mas a cosmética faz a promessa de beleza, apelando, em primeiro lugar, para a segurança e o bem-estar. Se você está bem consigo mesma, se você se olha no espelho e se vê linda, você pode ter certeza que irá se dar bem com seu núcleo de amigos, no seu trabalho, numa reunião; você até que pode obter emprego. Se essa promessa é verdadeira ou não, se nós compramos essa mensagem, é outra questão. Essa promessa de bem-estar está ligada, relacionada às novas terapias, meditação, ioga, o teste dos limites. A segurança tem a ver com diversas coisas, de você se afirmar como pessoa, segurança em relação ao bem-estar/saúde, mas também, isto é novo, ao fato de saber que você não está consumindo produtos que agredem ao

meio ambiente; segurança tem a ver com usar produtos que não vão irritar sua pele, que não causarão reação negativa na pele. A indústria cosmética sacrifica coelhos e cobaias, e isso alguns consumidores acham inadmissível que uma indústria dedicada à beleza e à saúde ainda continue com esse tipo de prática. Por tal motivo, à medida que mais pessoas fiquem conscientes do que faz a indústria cosmética de “errado” mais pessoas terão interesse nos cosméticos “verdes”.

IHU On-Line- Como aconteceu a passagem dos cosméticos de algo supérfluo em fundamento ontológico do indivíduo pós-moderno?

Maurício Guzmán Chavez- Eu penso que definitivamente o consumo de cosméticos deixou de ser uma questão acessória para as pessoas. Nós temos que considerar que, sendo do reino das aparências a arte do enfeite, nas sociedades pós-modernas adquiriu um novo papel, um novo significado. Pensando nas origens da maquiagem, nós vemos que eles estão inseridos em contextos virtuais para simbolizar coisas muito importantes, na transição de um período para outro. Na modernidade, eles não têm esse papel, mas agora é fundamental para a constituição da identidade da pessoa e não falo somente das mulheres, o metro-sexual é uma figura cada vez mais visível na nossa sociedade. É uma coisa que passa despercebida para os teóricos, analistas sociais. Assim falava Lipovetsky, há 15 anos, quando escreveu *O Império do Efêmero*, falando do vestuário. O mesmo podemos falar agora da cosmética. Para mim, a cosmética continua, ainda hoje, a ter muitos elementos para ser chamada de consumo supérfluo, ainda que eu discuta a centralidade da cosmética para pensar no sujeito pós-moderno. Temos que ter cuidado para falar disso, porque, evidentemente, o consumo cosmético não preenche necessidades muito mais prementes da sociedade brasileira ou de outras sociedades, que seriam muito mais importantes. Temos uma série de problemas que não resolvemos, inclusive o direito de cidadania é um direito que ainda não foi conquistado plenamente. Temos que ter um certo cuidado para pensar que a cosmética abandonou absolutamente o reino do supérfluo.

OS NOVOS TECIDOS REFLETEM INTERATIVIDADE, SIMULAÇÃO E HIBRIDISMO

Entrevista com Solange Wanjinman

Solange Wanjinman é coordenadora do grupo de pesquisas *Moda, Comunicação e Cultura* cadastrado no CNPQ a partir do programa de mestrado em comunicação da Universidade Paulista, Unip, mestre em Sociologia, pela PUC SP e doutora em Sociologia pela Université Renée Descartes, Sorbonne, Paris, com tese intitulada **Le Kitch et l'Esprit du Temps: Les traces du goût populaire dans le vécu post-moderne. Etude de la "Forme" kitsch à travers l'art et la communication de masse au Brésil.** (*O Kitsch e o Espírito do Tempo: Os traços do gosto popular na vivência pós-moderna. Estudo da "Forma" kitsch na arte e na comunicação de massa no Brasil*) sob a orientação do Prof. Dr. Michel Maffesoli. Solange é Professora do programa de pós-graduação em Comunicação e professora do Curso de graduação de moda da Unip. Organizadora, junto com Adilson José de Almeida, do livro **Moda, Comunicação e Cultura, um olhar acadêmico.** São Paulo: Arte e Ciência, 2002 e co-autora junto com Ciro Marcondes Filho do livro **Pensar Pulsar: Cultura Comunicacional, Tecnologia e Velocidade.** São Paulo: Edições NTC, 1996.

IHU On-Line- O que abrange o conceito de moda?

Solange Wanjinman- É importante relacionar a noção de moda com o surgimento da idade moderna e com o desenvolvimento do capitalismo. Neste sentido, moda é o que muda sempre, a busca pelo novo. Estaria embutido neste conceito certamente todo um “espírito do tempo”, isto é, a conceituação da moda como fenômeno psicossocial da nossa sociedade

contemporânea que envolve não somente o vestuário, mas a maneira de se cuidar, os modos de falar e de lidar com o corpo.

IHU On-Line- Por que é importante hoje pesquisar sobre moda nas universidades? Quais os estereótipos responsáveis pelo fato de que moda seja um raro objeto de pesquisa?

Solange Wanjinman- Durante muito tempo, a moda foi considerada como assunto frívolo, relegado às revistas de moda e às passarelas. Criticava-se a sua pequena importância para a compreensão da vida social. Assim, não havia preocupação das ciências humanas em lidar com o assunto, salvo algumas exceções, como, por exemplo, o sociólogo Georges Simmel⁸ no início do século e mais recentemente com autores importantes como Roland Barthes⁹ e Umberto Eco. Hoje, com a questão da globalização, do consumo e da maior veiculação da comunicação de massas, a moda tem atingido um público maior e se mostra como fenômeno. Ficou difícil a moda passar despercebida. Assim, ela torna-se legitimada pela vida social e tem a permissão para entrar na universidade. Além disso, a moda não se constitui como objeto científico, com sua definição conceitual definida e consagrada, o que favoreceu o preconceito da academia. Ela está podendo avançar hoje na universidade, porque temos mais abertura para estudos interdisciplinares. Sabemos que é um objeto de estudo que reúne em si várias interseções dentro da vida social como a questão econômica, psicológica, tecnológica, dentre outras.

IHU On-Line- Em que sentido a pesquisa sobre moda pode nos levar a caracterizar a sociedade atual?

Solange Wanjinman- A pesquisa sobre moda pode dar elementos para compreendermos como a subjetividade dos indivíduos e grupos contemporâneos se articula às estruturas macrossociais e econômicas. Ela pode nos mostrar elementos de singularização e resistência ou de homogeneização dos hábitos dentro de uma cultura de consumo globalizada. Pode nos enviar para as questões tecnológicas da produção contemporânea como é o caso das novas fibras e tecidos e a relação com a matéria-prima e os insumos industriais. A pesquisa sobre moda pode também nos relatar sobre as formas de comunicação entre as pessoas, tanto em nível de estratégia pessoal como no plano dos veículos de comunicação propriamente ditos.

IHU On-Line- De que forma a tecnologia influencia a moda nos últimos anos? G. Lipovetsky afirma que a moda deixou de ser algo periférico para ser algo central na sociedade. Concorda com essa afirmação?

Solange Wanjinman- A tecnologia influencia a moda de muitas maneiras. Os materiais, as maneiras de produzir e de distribuir que são desenvolvidas no campo da tecnologia industrial influenciaram a maneira de consumir e de pensar também. Assim, o desenvolvimento da tecnologia na moda nos levou a consumir tecidos sintéticos mais leves e práticos, os recursos da computação auxiliaram na questão da criação e da modelagem e a maquinaria mais sofisticada possibilitou a confecção e a distribuição de exemplares mais personalizados. A

⁸ George Simmel nasceu em 1858 em Berlim, na Alemanha. Ele ocupou um lugar importante no debate alemão de 1890 até a sua morte em 1918, final da 1ª. guerra mundial. Soube sintetizar a tradição historicista de Dilthey e o kantismo de Rickert. Seu pensamento influenciou Weber, Heidegger, Jaspers, Lukacs, a Escola de Frankfurt, entre outros. Suas obras principais são: **Diferenciação social** (1890), **Filosofia do Dinheiro** (1900) e **Questões fundamentais de sociologia** (1917). Também publicou "Filosofia da moda". O texto pode ser encontrado em "Filosofia da Moda", In Simmel, G., *Cultura Feminina*, Lisboa: Galeria Panorama, 1969, pp107/151. (Nota do **IHU On-Line**).

⁹ Roland Barthes, 1915-1980, crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam: **Elementos de semiologia** (1965), **Sistema da moda** (1967), **O Império dos signos** (1970). (Nota do **IHU On-Line**).

maneira de pensar também mudou a partir da influência da tecnologia na moda. Publiquei, em 2002, na Revista *Fronteiras*, da Unisinos¹⁰, um artigo que mostrou uma pertinência entre a questão do impacto das novas tecnologias no processo de produção material da moda (fibras inteligentes e novos tecidos, propostas de confecção) com certas tendências comunicativas e cognitivas atuais, como tendência à interatividade, simulação e hibridismo. Concordo com a afirmação de G. Lipovetsky de que a moda deixou de ser algo periférico para ser algo central na sociedade. Basta observarmos quantos empregos foram criados neste setor, a quantidade de recursos mobilizados e a máquina que é gerada a partir deste tema nos veículos de comunicação. O estágio do capitalismo em que nos encontramos, que é o do consumo, tem na moda um dos seus maiores pilares. A moda está sempre associada a idéias e identidades, elementos estes tão necessários ao estágio em que nos encontramos.

IHU On-Line- De que forma acontece algum tipo de desconstrução das hierarquias sociais na moda?

Solange Wanjnman- Acredito que a noção de tribos elaborada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli esclarece bem esta desconstrução de hierarquias. Existiria hoje uma pluralidade de tribos com interesses distintos que vai ser refletida pela moda, esta última entendida aqui num sentido amplo como nos referimos acima. Podemos observar um jogo entre a homogeneização criada pelos interesses econômicos e as tentativas de reapropriação da singularidade efetuadas pelos grupos. O interessante é que esta mesma desconstrução criada muitas vezes pela resistência dos grupos acaba servindo para a própria máquina do capitalismo.

IHU On-Line- Há um imaginário de moda global, dominante, que atravessa, de alguma forma, todas as modas e os desejos dos grupos culturais mais diversos?

Solange Wanjnman- Estou sempre vinculando a moda ao capitalismo, como afirma o próprio Lipovetsky. Assim, neste contexto, acredito que o que define este imaginário global seja mesmo a busca pelo novo, a necessidade de singularização e distinção. O texto de Simmel¹¹ é ainda esclarecedor para esta questão.

IHU On-Line- O que significa que a imaterialidade e o hibridismo caracterizam a moda atual?

Solange Wanjnman- No artigo "A Cultura Digital na Moda Contemporânea" para a Revista *Fronteiras* (2002), me referi a estes termos porque a moda acompanha o "espírito de tempo" contemporâneo. A cultura informática instaura uma tendência geral para a abstração, para a imaterialidade e para a criação de objetos intermediários entre o virtual e o real. No que diz respeito ao campo da moda, pode-se perceber como são incorporadas as características básicas da imaterialidade: a transparência, a fluidez, o fluxo, o movimento aos novos tecidos. O conceito de hibridismo, na linguagem do computador, tem antecedentes na história da arte moderna: a colagem, a inclusão e a incrustação. No campo da produção de tecidos, este conceito de hibridismo aparentemente próprio da arte informática pode ser relacionado com as possibilidades dos novos tecidos.

¹⁰ Wanjnman, Solange. *A cultura digital na moda contemporânea* in *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* volume 4, numero1. PPG em Comunicação da Unisinos, junho de 2002.

¹¹ SIMMEL, G. (1957). "Freedom and the individual". In: LEVINE, D.(ed.). *On Individuality and Social Forms* (selected writings). Chicago: The University of Chicago Press, 1971. (Nota do *IHU On-Line*)

IHU On-Line- Em que consiste a pesquisa na qual a senhora está trabalhando atualmente?

Solange Wanjinman- Atualmente, estou trabalhando com questões ligadas à tecnologia da televisão e à materialidade da moda. Estou sempre verificando as correlações entre tecnologias de comunicação e moda. Esta questão se insere dentro da minha pesquisa atual que tem como objetivo principal demonstrar como os elementos propriamente materiais da telenovela *Dancing Days* (1978) tais como a tecnologia de gravação, mas também cenário e figurino ou a moda aí lançada são elementos que apresentam uma proposta inovadora. Tenho como hipótese de trabalho o fato de que esta novela tem uma grande relevância no que diz respeito à sua forma dentro do contexto da televisão brasileira. Estudá-la por uma abordagem da materialidade, como proponho, traz uma dimensão de como ela se insere no contexto de uma estética contemporânea urbana.

TELENOVELA, MODA E CONSTRUÇÃO DO CORPO

Entrevista com Heloisa Buarque de Almeida

Heloisa Buarque de Almeida é antropóloga, pesquisadora do Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero, da Unicamp, mestre em Antropologia pela USP e doutora em Ciências Sociais pela Unicamp, onde defendeu a tese que venceu o prêmio EDUSC-ANPOCS¹². Telenovela, consumo e gênero. Bauru: Edusc/Anpocs, 2003. A pesquisadora concedeu esta entrevista ao IHU On-Line por e-mail.

IHU On-Line- Quais são os corpos femininos e masculinos “perfeitos” no imaginário da sociedade global? Como esse ideal atinge todas as camadas da sociedade e interage com elas?

Heloisa Buarque de Almeida- Nós vivemos numa sociedade complexa. Não há apenas um (único) modelo de corpo considerado perfeito, um só padrão de beleza. Mas há tendências dominantes – que variam um pouco se você estiver no Brasil, nos EUA, ou em outras partes do mundo. Por exemplo, no Brasil, se valoriza um certo tipo de magreza, juventude e, certamente, uma preferência por um padrão branco (e não negro ou oriental ou indígena). Se você ler revistas, como *Boa Forma*, ou outras que falam de como cuidar do corpo, você nota que os “grandes vilões” quanto ao padrão de beleza são os sinais de envelhecimento (rugos e cabelos brancos), a gordura e a flacidez, este último um termo até engraçado, que, na realidade, significa que é preciso ser magra e “firme”, fazer exercícios, de preferência. Historicamente, a preocupação com o padrão de beleza pertence à esfera feminina. Mas, certamente, nas últimas décadas, também atinge o universo dos homens – e se valoriza o corpo forte, “sarado”, mas há menos restrições quanto se trata do rosto masculino.

IHU On-Line- Como se relacionam na sociedade atual corpo, moda e consumo?

Heloisa Buarque de Almeida- Um dos lugares de marcar a identidade na sociedade de consumo é o corpo: assim, as pessoas têm que definir seu estilo, e se diferenciar dos outros pela roupa, pela moda, e por todos os aparatos. O consumo é sempre promovido pelas modas de cada momento, cada estação, mas o termo “consumo” vai muito além, porque se refere a uma idéia de que em toda nossa vida cotidiana é preciso consumir coisas e os sentidos

¹² A Editora da Universidade do Sagrado Coração - EDUSC - e a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS – concedem anualmente o Prêmio EDUSC/ANPOCS nas áreas de Antropologia, Ciência Política e Sociologia, cuja premiação consiste na publicação de um livro para cada uma dessas três áreas. A inscrição para o prêmio deste ano está aberta. Para maiores informações: humanitas@poa.unisinos.br

simbólicos dessas coisas. Viver numa sociedade de consumo quer dizer que os objetos têm os significados que cada pessoa lhes atribui (seja pela publicidade, seja pela embalagem, seja pelo estilo das pessoas que costumam consumir aquele produto). O corpo, assim, precisa ser construído e trabalhado nessa sociedade, e uma das formas de lidar com ele é buscar estar na moda.

IHU On-Line- Qual tem sido o papel da telenovela brasileira na construção do corpo em nosso País?

Heloisa Buarque de Almeida- O que eu discuti na minha tese de doutorado, "Telenovela, consumo e gênero" (defendida na Unicamp, onde atualmente trabalho como pesquisadora do Pagu, Núcleo de Estudos de Gênero) é que a novela é muito forte no Brasil para promover o consumo e a moda. E ela funciona como uma espécie de vitrine viva de muitos produtos, dos estilos de vida associados a esses produtos, e da forma de viver numa sociedade de consumo. É isso que a novela mostra, pessoas que têm acesso a muitos bens de consumo e os usam. Eu lembro que a primeira vez que eu vi produtos como telefone sem fio ou telefone celular, entre outros, foi pela novela. E ela faz isso quanto aos bens de uso doméstico (nas casas dos personagens), mas também àqueles referentes à moda e ao uso pessoal. Assim, ela também promove os padrões de beleza hegemônicos – afinal, há que se construir personagens que normalmente são gente bonita e "charmosa", os artistas e modelos, e que se vestem e usam estilos diferentes. É preciso ter personagens diferentes, com estilos distintos para que eles façam também sentido na narrativa – e lembro aqui que a novela é uma narrativa longa, é preciso inventar muitas histórias e personagens através de mais de 150 capítulos.

IHU On-Line- O que as "indústrias da beleza" (tecnologia, medicina etc.) oferecem às pessoas para atingir o ideal de beleza? Quais as consequências que a corrida pela beleza traz na vida do indivíduo e da sociedade?

Heloisa Buarque de Almeida- A nossa sociedade ocidental contemporânea, e particularmente o Brasil, reforça uma série de intervenções no corpo feminino – pense desde a maquiagem, pintar as unhas, tirar as sobrancelhas, fazer depilação, tingir os cabelos. Mas, nos últimos anos, há cada vez mais novas tecnologias médicas e de beleza, cirurgias plásticas, botox, maquiagem e depilação definitiva, implantes de silicone, preenchimento de rugas com técnicas diversas (gordura, fios de ouro), lipoaspiração, mas também pense nas dietas, e nas ginásticas, exercícios, academias. Atualmente, o ideal é um "espartilho interno", que está no corpo mesmo, seja por meio da ginástica ou das esculturas feitas pela cirurgia plástica. Eu não sei qual o tamanho deste mercado, porém vocês podem checar isso, buscando dados de consumos dessas técnicas. De qualquer forma, para partes dos consumidores brasileiros, muitas dessas tecnologias são inacessíveis. Ou seja, há tecnologias muito caras que só alcançam uma parte da população mais elitizada e talvez mais interessada. Certamente, deve ser um mercado composto por uma ampla maioria de mulheres, especialmente depois de certa idade, pois muitas dessas técnicas são voltadas para combater o envelhecimento. O ideal de beleza é ser sempre jovem. Há também o mercado das travestis e dos transexuais, grandes consumidoras de silicone e técnicas de embelezamento. Mas este mercado é, por vezes, escondido pelo preconceito... Essa questão do corpo é promovida pela mídia – não só a televisão, veja as revistas –, de forma que supõe que cada pessoa pode escolher seu "estilo" pessoal (dentro de limites bem explícitos). Parece que a moda, as roupas, os sentidos são uma realização interna do indivíduo. Como se ao vestir e usar determinada roupa, composta com cabelos, sapatos etc., uma pessoa pode ter a impressão de conseguir realizar seu "eu", aquilo que quer mostrar como genuinamente a sua personalidade. No entanto, a questão é que você tem certa

obrigação de escolher um estilo, de se cuidar, de estar sempre e cada vez mais bonita. Ou seja, é uma prática socialmente promovida, que dá, no entanto, a sensação de ser algo individual. Mas as pessoas têm de se cuidar; se forem gordas, têm a obrigação de fazer dietas, exercícios, tentar emagrecer, não deixar os cabelos brancos aparecerem, e assim por diante. É uma incessante construção e reconstrução do corpo.

IHU On-Line- Como a Universidade poderia ser mais crítica ou desenvolver mais a pesquisa para ajudar a um conceito de bem-estar e beleza alternativos?

Heloisa Buarque de Almeida- Não sei. Mas se poderia promover uma reflexão sobre o que significa exatamente viver nesse contexto. Há áreas de reflexão acadêmica que já se voltam para estas questões, como, por exemplo, pessoas que estudam, do ponto de vista médico, doenças como a anorexia e encontram uma relação com esse desejo de beleza.

DESTAQUES DA SEMANA

Análise de Conjuntura

CARTA ABERTA AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

À Memória de José Eduardo Cajado Moncau, o Peninha
Por Francisco de Oliveira

O sociólogo Francisco de Oliveira escreve esta carta, em que clama por mais empregos, em homenagem ao professor José Eduardo Cajado Moncau, assassinado em SP, e às vidas desperdiçadas dos presos da Casa de Custódia, no Rio. Francisco de Oliveira é professor-titular aposentado do Departamento de Sociologia da USP e coordenador do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania da FFLCH-USP. A carta foi publicada pela Agência Carta Maior, em 30 de maio de 2004.

Cena 1: São Paulo, zona oeste, sábado 29 de maio, 20 horas. José Eduardo chega à sua casa, junto com sua mulher, Tânia. Em direção ao carro deles, em desabalada carreira, mancando, alguém se aproxima. Tânia diz: “parece que é o vigia, que deve estar em dificuldades”. José Eduardo mal tem tempo para comentar: “pode ser um ladrão”. Não pôde certificar-se: sem falar, nem nada pedir, o estranho apontou-lhe uma poderosa arma e disparou na cabeça de José Eduardo, que caiu imediatamente sobre o volante, enquanto Tânia saía do carro para apelar ao assaltante. Ato contínuo, atirou mais duas vezes, à queima roupa, também na cabeça. Jogou-o para fora do carro e, na lembrança de Tânia, parece que, dando ré, ainda passou sobre o braço de seu marido. Tânia levou um tiro que lhe atravessou a coxa. O fim não precisa ser contado, já estava pressuposto.

Cena 2: Rio, sábado 29 e domingo 30 de maio. Casa de Custódia de Benfica, zona norte. Presos do CV e do TC se rebelam e ajustam contas. Um agente penitenciário tenta intervir no tumulto. Balanço final: o agente, feito refém, assassinado. 30 mortos, cifra ainda provisória, corpos mutilados, decepados, degolados, sem – ainda – identificação de a que bando pertenciam. Relato simples, anônimo como suas vidas.

Elo de ligação: Há? Entre um professor universitário, de classe média, sua morte e a de 31 outras pessoas, trinta delas marginalizados, “elementos” na gíria jornalístico-policial, bandidos? O desemprego rampante, presidente. Não o do professor, mas o dos que terminam no crime, tantas vidas atoladas no terrível círculo vicioso que vai acabar, invariavelmente, num cano de pistola ou na lâmina de uma faca, nas chacinas das amplas periferias ou nas rebeliões intramuros das instituições penais e policiais.

Há jeito, presidente? Há. Mas não com sua política econômica, com os anêmicos 2% de crescimento assinalados para o primeiro trimestre, motivo de orgulho, prova de que a política econômica está dando certo. Os 2% na verdade são 0,7%, pois se deve descontar o crescimento da população. Faça-se uma retificação menor, para não atribuir ao seu governo o total lamentável do desemprego: ele vem num crescendo, mas nos 16 meses de seu governo o formidável exército de desempregados viu-se acrescido de um não menos volumoso contingente de 1 milhão de brasileiros.

O que se requer é muito mais: é, para não sermos “revolucionários”, “radicais” e toda a classe de impropérios da impotência da imaginação dos críticos da crítica, uma política rooseveltiana. Empregos, presidente. Tratar como emergencial uma situação que é de emergência. O país e a nação estão se atolando na barbárie, presidente. Não leve a sério a satisfação arrogante e autista dos que aconselham cautela. Chico Buarque já dizia: devagar é que não se vai ao longe. Transfira os recursos do seu Fome Zero para a Caixa Econômica Federal para subsidiar a diferença entre os juros normais da Caixa – não os obscenos juros do mercado, esse Deus ao qual se imola o povo pobre – e o juro zero que deve ser cobrados dos mutuários com renda até R\$ 500,00 ou até mesmo R\$ 1.000,00, para não liquidar a Caixa e não fazer, simultaneamente, o escárnio de que os pobres podem pagar juros mais altos do que os cobrados pelas concessionárias de automóveis e pelas Casas Bahia, que já é hoje de 1% ao mês. O efeito multiplicador da construção de uma casa é cem vezes superior aos R\$ 50,00 do Fome Zero; consulte seus economistas desenvolvimentistas, não os *Chicago boys*, que os há aos montes no seu governo.

Ponha como condição mínima para os empréstimos que o Banco do Brasil faz aos empresários, que aumentem a taxa de utilização de mão-de-obra. Obrigue a incluir nos contratos de obras públicas, de todas que recebem verbas federais, uma quota mínima de mão-de-obra, acima do que já empregam nas péssimas condições de exploração da força-de-trabalho. Passo todos os dias diante de edifícios em construção e vejo operários carregando tijolos com a mão. Pois bem: exija que aumentem o número de operários para carregar tijolo nas mãos. Expandir o gasto público: não dê ouvidos aos equilibristas, nem ao FMI nem ao Banco Mundial, nem aos banqueiros. Impulsione a ampliação dos metrô em todas as cidades que deles precisam.

Leia a lição de Keynes: quando não houver o que fazer, faça pirâmides. Repavimente as estradas com um alto coeficiente de mão-de-obra. O presidente é do Nordeste: mesmo as oligarquias mais conservadoras realizaram, para seu benefício é claro, o simulacro de um programa keynesiano com as frentes de trabalho durante as secas. Faça-as novamente, mas em todo o Brasil, sobretudo nas grandes cidades, que é onde mora a pobreza. Faça-as com critério, sem a intermediação dos coronéis e dos barracões.

Não acredite na nova enganação, de que o emprego cresce no interior, e patina nas metrópoles. O Brasil é hoje um país urbano, presidente. 60% da população estão nas cidades acima de 100 mil habitantes. Se não atacar a pobreza das cidades, nada se fará. Chame Carlos Lessa, Darc Costa e Mauricio Borges Lemos (este, aliás, já tem bem pensado algo desse tipo), para bolarem o plano de ligar o BNDES aos fundos de pensão. Institua a Letra do BNDES, que garantirá ao quotista o retorno do mercado, e quando o lucro do BNDES não puder pagá-lo

integralmente, o Tesouro subsidiará. Veja: para mim, um radical, fazer essa proposta é quase uma heresia. Mas não estou interessado em discussões bizantinas.

Estamos numa situação emergencial, repito. Reduza o superávit primário a 2% do PIB. A resposta será imediata e como na previsão keynesiana, virá pelo aumento da demanda, que devolverá em impostos o que foi injetado na economia pelos gastos do governo. Chame Márcio Pochman, que na prefeitura de sua correligionária realiza um excelente trabalho com o pouco que tem, comprovando que, com esse pouco, diminuem a criminalidade, a evasão escolar, as doenças da infância. Não ouça as ladainhas e as falsas jeremiadas dos que querem a estabilidade a qualquer preço e profetizam desastres se as finanças públicas inverterem o sinal de superávit para déficit. O desastre já aconteceu, presidente. Chama-se José Eduardo Cajado Moncau e os 31 mortos da chacina da Casa de Custódia do Rio. A lista poderia ser interminável, mas não pretendo aborrecê-lo com ela.

José Eduardo Cajado Moncau, o Peninha, presidente, era leve até no apelido com que carinhosamente os que o amaram o tratavam. Dedicou sua vida à obtenção de conhecimento que ajudasse a tornar essa nação um lugar justo. Em determinado momento, abandonou os estudos de medicina para ser cobrador de ônibus, para viver a vida daqueles a quem queria ajudar. Não estou relatando a vida de um santo. Estou aproveitando os privilégios de classe no Brasil para mostrar a extensão do desastre. O Evangelho, que o presidente certamente lê, diz, creio que em São João: "Aproveitai as riquezas da iniquidade". É o que estou tentando fazer, porque para morte de pobre ninguém mais liga.

Os que morreram no Rio também certamente pensaram numa vida melhor, e sem nenhuma comisseração nem justificção da violência, nossa iníqua sociedade os levou ao crime. Os seus também certamente os amaram, como atestam as fotos dos desesperos diante dos portões da Casa de Custódia. Mesmo os que não crêem, parodiarão Santo Agostinho: "Ele nos foi dado para constituir nossa felicidade; nós o devolvemos, sem recriminações, mas com o coração despedaçado de dor". Esta carta e esta lamentação são em sua homenagem, Peninha, e de lamentação também pelas vidas desperdiçadas dos presos da Casa de Custódia. Como se diz comumente, esperamos que essas mortes não tenham sido em vão. Cabe ao presidente dar essa resposta.

Artigos da semana

GAIA PRECISA DA ENERGIA NUCLEAR

*Sob o título acima, a **Folha de S. Paulo** de 8 de junho de 2004, traduziu e publicou o artigo de James Lovelock que reproduzimos a seguir. O britânico de 84 anos é escritor, cientista independente e criador da hipótese Gaia, segundo a qual a Terra é um organismo auto-regulado. James Lovelock é autor do importante livro **As eras de Gaia. A biografia da nossa terra viva**, publicado pela Editora Campus, em 1991. O artigo foi originalmente publicado no jornal **The Independent**. James Lovelock, depois de analisar o aquecimento global e as mudanças climáticas passa a defender o uso da energia nuclear para salvar a vida do planeta. O artigo suscitou uma viva discussão. Logo após o artigo reproduzimos a reflexão de W. Novaes e José Goldenberg.*

Sir David King, conselheiro-chefe de ciência do governo britânico, enxergou longe quando disse que o aquecimento global é uma ameaça mais séria do que o terrorismo. Ele pode até ter

subestimado a ameaça, porque, desde que falou, novas evidências de mudança climática sugerem que ela possa ser ainda mais séria, o maior perigo já enfrentado pela civilização.

A maioria de nós está consciente do aquecimento em alguma medida. Os invernos estão mais quentes, e a primavera está chegando mais cedo. No Ártico, porém, o aquecimento é mais que duas vezes maior do que na Europa, e no verão torrentes de água de degelo escorrem das geleiras quilométricas da Groenlândia.

A completa dissolução de suas montanhas de gelo tomará tempo, mas, quando ocorrer, os mares terão subido sete metros, o bastante para tornar inabitáveis todas as cidades baixas costeiras do mundo, incluindo Londres, Veneza, Calcutá, Nova York e Tóquio. Mesmo uma elevação de dois metros seria o bastante para pôr a maior parte do sul da Flórida debaixo d'água.

O gelo flutuante no oceano Ártico é ainda mais vulnerável ao aquecimento. Em 30 anos, sua superfície de gelo branco refletor, que tem a área dos Estados Unidos, pode tornar-se um mar escuro, que absorve o calor da luz solar estival e com isso apressa ainda mais o fim do gelo da Groenlândia. O pólo Norte, meta de tantos exploradores, será então não mais que um ponto na superfície do oceano.

E não é apenas o Ártico que está mudando. Climatologistas avisam que um aumento de 4°C na temperatura é o suficiente para eliminar as vastas florestas da Amazônia, uma tragédia para seu povo, para sua biodiversidade e para o mundo, que perderia um de seus grandes condicionadores de ar naturais.

Os cientistas que trabalham no Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) relataram em 2001 que a temperatura global subiria entre 2°C e 6°C até o ano 2100. Sua previsão sombria tornou-se perceptível com o calor excessivo do último verão. De acordo com meteorologistas suíços, a onda de calor europeia que matou 20 mil pessoas foi inteiramente diversa de qualquer outra onda de calor. A chance de que seja apenas um desvio da norma é de 1 em 300 mil. É um alerta de que coisas piores virão.

O que torna o aquecimento global tão sério e urgente é que o grande sistema da Terra, Gaia, está aprisionado num círculo vicioso de *feedback* positivo. O calor extra de todas as fontes – seja dos gases do efeito estufa [retenção de radiação solar na atmosfera], seja do desaparecimento do gelo ártico ou da floresta amazônica – é amplificado, e seus efeitos não se resumem à somatória. É quase como se tivéssemos acendido uma lareira para nos aquecer e deixado de notar que, à medida que empilhávamos a lenha, o fogo saía de controle e a mobília já estava em chamas. Quando isso acontece, há pouco tempo para controlar o fogo antes que ele consuma a casa. O aquecimento global, como um incêndio, está se acelerando, e quase não sobra tempo para agir.

O que devemos fazer, então? Podemos continuar a gozar um século 21 mais quente, enquanto ele durar, e fazer tentativas cosméticas, como o Protocolo de Kyoto, para camuflar o embaraço político do aquecimento global, e temo que isso seja o que vai ocorrer em boa parte do mundo.

Quando, no século XVIII, apenas um bilhão de pessoas vivia na Terra, seu impacto era pequeno o bastante para que não importasse que fonte de energia usavam. Mas, com 6 bilhões para mais, restam poucas opções; não podemos continuar a extrair energia de combustíveis fósseis, e não há chance de que as fontes renováveis – vento, marés e hidrelétricas – possam prover a energia necessária em tempo hábil.

Se tivéssemos 50 anos ou mais, poderíamos fazer delas nossas fontes principais, mas não temos 50 anos. A Terra já está tão incapacitada pelo veneno insidioso dos gases-estufa que, mesmo se pararmos de queimar combustíveis fósseis imediatamente, as conseqüências pelo que já fizemos durarão ainda mil anos. Cada ano em que continuamos a queimar carbono torna as coisas piores para nossos descendentes e nossa civilização.

Pior, queimar vegetais cultivados para combustível pode acelerar o declínio. A agricultura já usa terra demais necessária para o planeta regular seu clima e sua química. Um carro consome 10 a 30 vezes mais carbono do que seu motorista; imagine o acréscimo de terras necessário para satisfazer o apetite por carros.

Sim, vamos usar a pequena contribuição das fontes renováveis sensatamente, mas uma única fonte imediatamente disponível é incapaz de causar aquecimento global – a energia nuclear. É verdade que queimar gás natural em lugar de carvão ou petróleo emite a metade de gás carbônico (CO₂), mas o gás não-queimado é um gás-estufa 25 vezes mais potente do que CO₂. Um pequeno vazamento já neutralizaria a vantagem do gás natural.

A perspectiva é sombria, e, mesmo que atuemos com sucesso na mitigação, ainda haverá tempos difíceis, como na guerra, que vão pressionar nossos netos até o limite. Somos resistentes, e será preciso mais que uma catástrofe climática para eliminar toda a reprodução entre casais humanos. O que está em risco é a civilização.

Como animais individuais não somos tão especiais e, de certo modo, somos como uma doença planetária, mas, por meio da civilização, nos redimimos e nos tornamos um patrimônio precioso para a Terra – ao menos porque, por nossos olhos, a Terra se viu a si mesma em toda a sua glória.

Há uma chance de que sejamos salvos por um evento inesperado, tal como uma série de erupções vulcânicas intensas o suficiente para bloquear a luz solar e, assim, esfriar a Terra. Mas somente perdedores apostariam suas vidas com chances tão pequenas. Quaisquer que sejam as dúvidas sobre o clima futuro, não há dúvida de que gases-estufa e temperaturas estão ambos subindo.

Permanecemos na ignorância por muitas razões; importante, entre elas, é a negação da mudança climática nos EUA, em que os governos têm falhado em dar a seus climatologistas o apoio de que necessitam. Os *lobbies* verdes, que deveriam dar prioridade ao aquecimento global, parecem mais preocupados com as ameaças às pessoas do que a Terra, sem perceber que somos parte dela e totalmente dependentes de seu bem-estar. Pode ser preciso um desastre pior do que o último verão europeu para nos despertar.

A oposição à energia nuclear está baseada em medo irracional, alimentado pela ficção de estilo hollywoodiano, pelo *lobby* verde e pela mídia. Esses receios são injustificados, e a energia nuclear tem provado, desde o seu início em 1952, ser a mais segura das fontes de energia.

Precisamos parar de tremer diante dos diminutos riscos estatísticos de câncer por compostos químicos e radiação. Cerca de um terço de nós morrerá de câncer, de todo modo, principalmente porque respiramos ar carregado com o carcinogênico mais comum, oxigênio. Se falharmos em concentrar nossas mentes no perigo real, o aquecimento global, poderemos morrer ainda mais cedo de superaquecimento, como os mais de 20 mil infelizes na Europa do verão passado.

Considero triste e irônico que o Reino Unido, que lidera o mundo na qualidade de seus cientistas da Terra e do clima, rejeite seus avisos e conselhos e prefira ouvir os Verdes. Mas eu sou um Verde e convoco meus amigos no movimento a abandonar sua objeção equivocada à energia nuclear.

Mesmo que estejam certos em relação aos perigos, e não estão, seu emprego mundial como fonte principal de energia representaria uma ameaça insignificante, se comparada com os riscos de ondas de calor intoleráveis e letais e com a elevação dos mares que inundaria as cidades costeiras.

Não temos tempo para experimentar com fontes visionárias de energia; a civilização está em perigo iminente e tem de empregar energia nuclear – a única fonte segura disponível – agora, ou então suportar a dor que logo lhe infligirá nosso planeta enfurecido.

Artigo da semana 2

PARA NÃO PERDER O FUTURO

Reproduzimos o artigo do jornalista Washington Novaes, publicado dia 11 de junho de 2004, no jornal O Estado de S. Paulo.

É muito preocupante que se esteja expandindo em parte do mundo empresarial, da comunicação e até mesmo em setores do governo federal a visão de que a chamada questão ambiental, assim como a demarcação de terras indígenas, constituem hoje obstáculos ao desenvolvimento econômico e à geração de empregos no País. Para essa visão têm contribuído até visões apressadas do presidente da República, que, segundo os jornais, reclama com frequência da "lentidão" do Ibama e do Ministério do Meio Ambiente. E para agravar o quadro se esboça um conflito entre as áreas federal e dos Estados, nessa matéria.

Além da demarcação de terras indígenas - um direito a eles assegurado pela Constituição em vigor, e que é preciso respeitar, além de ser caminho muito eficiente para a conservação de áreas relevantes para a biodiversidade -, a questão centra-se principalmente no licenciamento de hidrelétricas, gasodutos, pavimentação de rodovias e autorizações para desmatamento de áreas, de modo a permitir o avanço da fronteira agropecuária, principalmente na Amazônia e em áreas de transição para o cerrado. O próprio ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior tem afirmado (Estado, 17/3) que as "rígidas posições" do Ministério do Meio Ambiente são "uma pedra no sapato" em quase todas as discussões.

É curioso que um ministério tão desprovido de recursos como o do Meio Ambiente seja apontado como tão poderoso. Ele continua a ter - como no governo anterior - menos de 1% das dotações orçamentárias. De 2003 para 2004, viu-as crescer apenas 9% (contra 27,8% na Agricultura ou 50% no Planejamento). No último corte nelas promovido, perdeu 15% (R\$ 71,8 milhões) do pouco que tinha. O Ibama, órgão apontado como emperrador por excelência nos processos de licenciamento, até poucas semanas atrás só dispunha de sete servidores em seu quadro técnico e tinha de recorrer a consultores externos (agora tem 70 e vai fazer concurso para 150 analistas). Das multas que aplicou entre 1995 e 2004 só recebeu efetivamente 2%, ou R\$ 62 milhões de R\$ 2,9 bilhões.

Pois é com essa estrutura que cabe ao Ibama e ao ministério examinar complexos projetos nas áreas mencionadas. E licenciá-los ou não. Sabendo, como sabem os que já transitaram por essa área, que os chamados estudos de impacto ambiental quase invariavelmente só são feitos pelos empreendedores - quando são - depois de concebidos os projetos técnicos, freqüentemente sem nenhuma preocupação com os impactos sociais e ambientais. Por isso, também quase invariavelmente incluem apenas algumas "medidas mitigadoras" que em nada ou quase nada alteram a questão.

É preciso olhar esse quadro com outros olhos. Ainda na semana passada, dirigindo-se a mais de 80 ministros do Meio Ambiente, o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmou que conflitos como o do Iraque têm impedido o mundo de enxergar com clareza as maiores e mais reais ameaças que pesam sobre a humanidade: mudanças climáticas e insustentabilidade dos atuais padrões de produção e consumo no mundo, além da capacidade de suporte e reposição do planeta. Poucas semanas antes, numa conferência em Nova York, o mais respeitado dos estudiosos da biodiversidade - Edward Wilson, professor em Harvard - lembrara que, "num

mundo cada vez mais interdependente, o futuro do Brasil, que tem o maior número de espécies vivas do planeta, é crítico para todo o mundo".

Se é assim, cabe perguntar: e a que serve fundamentalmente grande parte dos projetos que têm encontrado dificuldade de licenciamento ambiental?

Os projetos de megahidrelétricas na Amazônia não servem essencialmente à expansão da exportação de eletrointensivos destinados aos países industrializados que não querem produzi-los por causa de seus altíssimos custos ambientais, sociais e energéticos? Eles não custaram ao Tesouro Nacional subsídios da ordem de US\$ 2 bilhões nas duas últimas décadas, recursos que foram obtidos sobrecarregando a conta dos consumidores residenciais? E não se vai ampliar esse modelo?

Rodovias, hidrovias e ampliação do desmatamento principalmente na Amazônia não servem ao mesmo modelo que coloca ênfase na exportação de commodities, principalmente soja e carne - enfrentando perdas de valor real nas séries históricas e concorrendo com os altíssimos subsídios que ajudam os países industrializados a controlar da forma que lhes convém os preços no mercado internacional? Não se trata ainda de um modelo com altos custos ambientais e sociais não contabilizados - perda da biodiversidade, alto nível de erosão (e custos para reposição da fertilidade por insumos químicos), degradação das bacias hidrográficas pelo carreamento desses sedimentos e deslocamento de dezenas de milhões de pessoas para as zonas urbanas (cerca de 40 milhões em 40 anos; em uma década a perda líquida de postos de trabalho nas áreas do agribusiness foi de 3 milhões), contribuindo para a degradação urbana e o processo acelerado de perda da governabilidade das metrópoles?

É nesse modelo que se pretende permanecer e ainda aprofundar? Contribuindo para agravar a insustentabilidade dos padrões mundiais a que referiu Kofi Annan? Esquecendo que o Brasil - por sua dimensão territorial, sua disponibilidade de recursos hídricos, a maior diversidade biológica do planeta, potencial para matriz energética absolutamente limpa - é provavelmente o país com maior possibilidade de avançar em direção a um modelo alternativo, adequado e muito mais remunerador no seu comércio, se tiver uma nova estratégia que leve em consideração essas questões?

É preciso dar força às tentativas do Ministério do Meio Ambiente de discutir esses problemas com as áreas de governo que têm interface com as questões e com os setores empresariais envolvidos. Da mesma forma, é preciso que ele desarme com urgência os conflitos que levaram os órgãos estaduais de meio ambiente a manifestar, na Carta de Fernando de Noronha (6/3), seu "profundo desapontamento" com vários procedimentos do ministério, que julgam centralizadores e descabidos, além da perda de força do Conselho Nacional do Meio Ambiente. Em hora tão aguda, tal confronto é indesejável e perigoso.

São mais que justas as preocupações com o desenvolvimento econômico e a geração de empregos. Mas o caminho não está na perda do futuro.

Artigo da semana 3

APENAS PARTE DA SOLUÇÃO

*José Goldemberg, professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP, é o secretário do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Foi reitor da USP (1986-89), secretário da Ciência e Tecnologia da Presidência da República e ministro da Educação (governo Collor). O artigo de sua autoria que reproduzimos a seguir, foi publicado na **Folha de S. Paulo**, em 12 de junho de 2004.*

A defesa que James Lovelock, o criador da controvertida idéia de Gaia, faz da energia nuclear como a "tábua da salvação" que evitará o aquecimento da terra é equivocada de três pontos de vista: a opção nuclear não é a única, não é a melhor e, mesmo se adotada integralmente, não vai resolver o problema.

Vejamos por que, começando pela última. Energia nuclear serve para produzir eletricidade, e 17% da eletricidade consumida hoje no mundo vêm de reatores nucleares (principalmente nos Estados Unidos, Rússia, França e Japão), sendo que cerca de 400 reatores de grande porte estão em funcionamento. A eletricidade, produzida em usinas hidroelétricas, no mundo todo, é também aproximadamente de 17%. O restante é gerado pela queima de carvão, gás e petróleo. Sucede que, além de eletricidade, a sociedade moderna consome uma enorme quantidade de combustíveis (carvão, gás, petróleo) na indústria, transporte e outros setores. Reatores nucleares que produzem eletricidade não conseguirão substituir esses combustíveis. Apenas um terço da energia consumida no mundo é gerada na forma de eletricidade. Portanto seria preciso que toda a eletricidade mundial viesse de reatores nucleares - economizando carvão, gás e petróleo- para diminuir as emissões de carbono, contribuindo para reduzir o efeito estufa. Essa alternativa teria de ser implementada nos próximos 20 anos, a fim de que, efetivamente, se evitasse uma catástrofe climática em meados do século. Isso significa concluir um ou dois reatores nucleares por semana. Não existe nenhuma possibilidade técnica de que isso ocorra. Desde 1985 nenhuma construção de novo reator foi iniciada nos Estados Unidos, que nem necessitam de mais eletricidade. Algo semelhante ocorre na França e no Japão.

O consumo de eletricidade está crescendo nos países em desenvolvimento, e inúmeros deles são pequenos demais para acomodar na sua rede elétrica - quando ela existe- um grande reator nuclear. Energia nuclear não é a resposta para os problemas desses países que dependem da importação de petróleo e gás. O que originou o grandioso programa nuclear brasileiro na década de 1970 foi justamente o diagnóstico equivocado de que reatores nucleares reduziriam a importação de petróleo e aumentariam a independência energética do país.

Lovelock está equivocado quando desqualifica as outras soluções para os problemas energéticos mundiais. Fontes renováveis de energia não são nenhum sonho de acadêmicos, como mostra o grande programa do álcool do Brasil, pelo qual metade da gasolina que seria usada no país se o programa não existisse foi substituída por um combustível líquido de alta qualidade, renovável e não-poluinte. Há outras opções para o uso de biomassa em desenvolvimento no país. Em outros países, como a Alemanha e a Dinamarca, a energia eólica está fazendo grandes progressos e já responde por mais de 20% da eletricidade em uso. Mesmo usando combustíveis fósseis, como o carvão, que é abundante no mundo, há opções novas para capturar o carbono emitido e reinjetá-lo em cavernas, poços de petróleo exauridos ou no próprio oceano. A produção de hidrogênio também é outra opção freqüentemente exagerada, mas que abre caminho para as células de combustível que produzem de fato poluição zero.

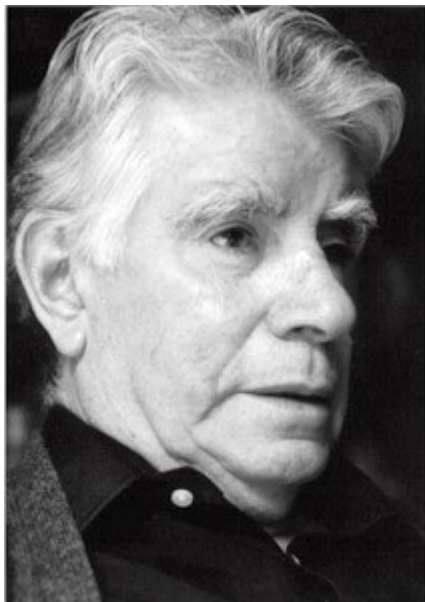
Finalmente existe a opção do uso mais racional da energia, que é real, sobretudo nos países industrializados que desperdiçam energia de forma extravagante. Foi essa racionalização que salvou os Estados Unidos da crise do petróleo da década de 70 e o Brasil do apagão, na crise de 2002, quando a falta de chuva esvaziou os reservatórios das hidroelétricas. Enormes progressos estão sendo feitos nessa área.

Lovelock, que teve idéias criativas ao comparar a Terra a um sistema que possui algumas das características dos organismos vivos (hipótese Gaia), claramente não tem um conhecimento profundo da área de energia e erra ao defender a energia nuclear como a solução para o efeito

estufa. Ela pode até desempenhar um papel complementar nessa tarefa, mas nunca um papel central.

Memória

LEOPOLDO ZEA



IHU On-Line faz, na presente edição, uma homenagem ao importante filósofo Leopoldo Zea, falecido no último dia 8 de junho de 2004. Traduzimos e editamos trechos de sua biografia com todas suas obras escritas, extraída do sítio <http://ensayo.rom.uga.edu/filosofos/mexico/zea/>. Em seguida, reproduzimos um artigo do professor Dr. Werner Altmann, coordenador do PPG em História da Unisinos. O referido artigo foi publicado no livro **Visión de América Latina. Homenaje a Leopoldo Zea**, organizado por Alberto Saladino e Adalberto Santana. Cidade do México: Fundo de Cultura Econômica, 2003, 528 p. A produção da obra contou com um comitê de homenagem a Leopoldo Zea, com uma comissão de honra e uma comissão internacional, da qual o professor Altmann e o PPG em História da Unisinos participaram. Agradecemos ao professor pela autorização da publicação do artigo e pela entrevista que nos concedeu, via e-mail, na última semana. Nela, Werner Altmann conta a experiência da convivência e da amizade com Leopoldo Zea, que foi seu orientador no mestrado em Estudios Latinoamericanos História, na Universidad Nacional Autónoma de México.

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Leopoldo Zea Aguilar nasceu na Cidade do México em 30 de junho de 1912.

Zea consegue, em 1936, o cargo de despachador noturno nos Telégrafos e se matricula na universidade: pela manhã, na Faculdade de Direito e, à tarde, na de Filosofia. Em 1939, Zea conhece José Gaos,¹³ que lhe consegue uma bolsa de La Casa de España en México, que permitindo-lhe dedicar-se exclusivamente aos estudos filosóficos.

Em 1942, Leopoldo Zea publica em *Cuadernos Americanos* um estudo seminal programático, **En torno a la filosofía americana**, que estabelece as linhas centrais de seu pensamento e o destaca como líder intelectual. No ano de 1943, Zea recebe o título de Mestre em Filosofia pela UNAM com a tese **El positivismo en México** que se publica este mesmo ano no Colégio de México. Em 1944, doutorou-se em Filosofia pela UNAM com a tese **Apogeo y decadencia del positivismo en México**, orientada por José Gaos e que se publica no mesmo ano no Colégio de México.

De 1945 a 1946, Zea passa seis meses nos Estados Unidos e um ano viajando pelos demais países ibero-americanos, mediante uma bolsa que recebe da Fundação Rockefeller. Em 1949,

¹³ José Gaos, nasceu em 1900 em Asturias, Espanha. Foi discípulo de Ortega y Gasset. Em 1938, antifranquista, foge para o México. Aí se consagra ao ensino da filosofia na UNAM. Morreu no México, em 1969. (Nota do *IHU On-Line*).

ele publica ***Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica*** e em 1953 publica ***América como conciencia***.

Em 1957, Zea publica ***América en la historia***, e em 1960 é nomeado diretor geral de Relações Culturais da Secretaria de Relações Exteriores do México.

Em 1965, Zea publica ***El pensamiento latinoamericano*** e de 1966 a 1970 foi diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM.

Em 1969, Zea encerra a polêmica sobre a filosofia ibero-americana com sua obra ***La filosofía americana como filosofía sin más***. Em 1975, publica ***Dialéctica de la conciencia americana*** e em 1976, reafirma suas idéias em ***Filosofía de la historia de América***.

O ano de 1980 lhe trouxe o Prêmio Nacional de Ciências e Artes e a direção da revista ***Nuestra América***. Em 1981, publica ***Latinoamérica en la encrucijada de la historia***, e em 1983, ***Filosofía de lo americano***.

No ano de 1984, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Lomonosov, Moscou, e da Universidade de Paris X (França). Em 1985, foi nomeado presidente da Sociedade Interamericana de Filosofia e Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Montevideo (Uruguai).

Em 1988, Zea publica ***Discurso desde la marginación y la barbarie***, em 1990 ***Descubrimiento e identidad latinoamericana***, em 1993 ***Filosofar a la altura del hombre. Regreso de las carabelas***, ano em que obteve também o doutorado *Honoris Causa* da Universidad Nacional de Cuyo (Argentina) e da Academia de Ciências da Rússia, em Moscou. Em 1994 é publicado no Brasil, pela Editora Pensieri, o livro ***A Filosofía Americana como Filosofía*** (tradução, prefácio e posfácio de Werner Altmann). Em 1997, recebe outro título de doutor *Honoris Causa*, da Universidad Nacional y Capodistriaca de Atenas (Grécia), da Universidad de Santiago (Chile) e da Universidad de La Habana (Cuba).

O LATINO-AMERICANISMO UNIVERSAL DE LEOPOLDO ZEA

Por Werner Altmann

É com satisfação que saúdo os 90 anos de vida e os 60 de magistério universitário do professor Leopoldo Zea e manifesto a minha alegria e honra em poder participar das homenagens que a ele estão sendo prestadas.

Leopoldo Zea foi meu professor quando, em meados da década de 1970, estudei no *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)*, da *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*, que ele, então, dirigia.

Saindo do Brasil na época da ditadura militar, a abertura intelectual proporcionada pelo CELA, totalmente voltado para os estudos históricos latino-americanos com seu latino-americanismo sem fronteiras, inclusive na procedência de professores e alunos, significou uma experiência inesquecível para mim. Representou uma abertura para a América Latina e para o mundo, que determinou minha trajetória acadêmica posterior, assim como a de tantos outros alunos.

Tenho nítidas na memória as presenças do Dr. Zea e da Mtra. Maria Elena Rodríguez de Zea, no CELA, sempre dedicados à excelência das atividades acadêmicas e particularmente atentos para as eventuais dificuldades dos alunos estrangeiros. A disposição para ajudar e resolver problemas era permanente. Como orientando do Dr. Zea, pude admirá-lo, ainda, como apoiador de iniciativas e de desafios e como orientador criterioso.

Em 1994, tive a oportunidade de traduzir para o português uma de suas obras ***La filosofía americana como filosofía sin más***. A edição, que recebeu, no Brasil, o título de ***A filosofia***

*americana como filosofia*¹⁴, esgotou-se em poucos meses, tendo sido a primeira e, até hoje, única obra de Zea traduzida para o português. Ainda que se possa lamentar o fato de apenas uma de suas obras ter sido traduzida para o português considere-se, por outro lado, que Zea é bastante lido pelo público brasileiro em suas obras originais em espanhol.

Na oportunidade, expus no prefácio dessa tradução, do qual transcrevo aqui alguns trechos, a minha visão da importância histórica do pensamento de Leopoldo Zea no contexto latino-americano. Situando sua obra historicamente afirmei, então, que a filosofia de Zea é resultante direta da Revolução Mexicana e se encontra inserida, tal qual o muralismo, no renascimento cultural tornado possível por essa revolução, a partir da quarta e quinta décadas do século XX.

Após a Revolução, José Vasconcelos, Antonio Caso e Samuel Ramos, entre outros, revelando a influência das filosofias européias, começaram a refletir sobre o México e a América Latina em cuja realidade buscavam apoio para a compreensão da realidade mexicana pós-revolucionária. Neles estão colocados os antecedentes imediatos essenciais do pensamento de Leopoldo Zea. Veja-se, por exemplo, a tentativa de conceituação do "ser do mexicano" efetuada por Samuel Ramos e que havia desembocado numa visão pessimista, expressão de um sentimento de "inferioridade". Zea irrompeu, então, no cenário filosófico mexicano para inverter a situação e transformar os traços vegetativos e pessimistas na possibilidade de uma inversão positiva e ampliar a reflexão para além do mero regionalismo, para o ser de toda a América Latina. Ao fim e ao cabo, a circunstância latino-americana de Zea acabou sendo, também, uma circunstância universal.

Outra vertente alimentadora do pensamento filosófico de Zea encontramos nos filósofos espanhóis exilados no México em decorrência dos resultados da Guerra Civil Espanhola. Neste particular, a influência maior foi de José Gaos, discípulo de Ortega y Gasset e à cuja memória o autor dedicou o livro em questão. A influência de Gaos foi de fundamental importância para amadurecer a vocação americanista de Zea. A filosofia de Ortega y Gasset sustentava, no âmbito das filosofias européias dominantes (o historicismo, o vitalismo e o existencialismo), a idéia do caráter circunstancialista ou perspectivista da filosofia em geral. Inexistiria, assim, uma verdade filosófica, objetiva e universal, mas, cada filosofia expressaria sua situação histórica e social, expressaria a circunstância vital na qual ela, filosofia, seria gestada e teria sua existência concreta, real, logo após.

De Gaos, Zea recebeu a incumbência teórica que levou adiante de forma inexecutável: interpretar a história das idéias latino-americanas numa elaboração que as alçasse à condição de genuínas expressões filosóficas. Daí para a elaboração de uma "filosofia da história latino-americana" foi um passo.

Esta passagem, na trajetória do pensamento filosófico de Leopoldo Zea está expressa concretamente entre a publicação do clássico "El Positivismo en México" para o momento posterior dos estudos latino-americanos propriamente ditos quando sua obra começou a se revelar como uma das obras filosóficas mais plenamente universais do século XX.

No "El Positivismo en México" apresentou-se como crítico do positivismo e disposto a elaborar uma base lógica para uma nova metafísica humanística. Colocou em evidência o caráter acientífico das premissas sociológicas da Escola Comtiana e insistiu na necessidade da superação do determinismo do século XIX ainda vigente na primeira metade do século XX. Ao estudar a sociedade mexicana – e ninguém se aprofundou tanto em estudo de caso do positivismo na América Latina – o fez precisamente como uma história de caso na experiência humana. Inovou portanto, ao colocar o universal no particular assim como, nele mesmo, o

¹⁴ Leopoldo Zea, *A filosofia americana como filosofia*. São Paulo: Pensiere, 1994. (Nota do autor)

filósofo e o historiador se casam harmonicamente. "El Positivismo en México" deu-lhe renome internacional.

Já então Zea começou a se defrontar com o traço negativo caracterizador do homem latino-americano: sua radical situação de dependência. A história da América é a história de um colonialismo violentamente imposto diante do qual o homem americano sucumbiu por imposição ou, também, por aceitação afundado num permanente servilismo imitativo, pretendendo realizar um ser que lhe é desconhecido. Emerge e permanece um estado de alienação que foge de sua realidade precisamente porque esta realidade é dependência. Zea é, a propósito, na década de 50, o primeiro pensador a utilizar o conceito de dependência para caracterizar a relação das sociedades latino-americanas com o mundo ocidental.

Por isso, falou da América como consciência de si mesma. Conhecendo-se e reconhecendo sua dependência poderá iniciar o caminho de sua libertação dos modelos externos que a alienam, frustram e infelicitam. Com o fim dos entraves colonialistas a história da América poderá ser vista, então, como uma permanente luta pela libertação. Nesse sentido, Zea jamais fez concessões ao colonialismo e suas múltiplas e constantes seqüelas. Jamais o justifica, também não o conformismo colonizado.

Por outro lado, a ausência de concessão ao colonialismo não se constitui em óbice, na obra de Zea, para a conciliação da singularidade americana com a "circunstância humana" universal. Daí a insistência na afirmação da filosofia americana como filosofia plena, como filosofia "sin más", na peculiar expressão mexicana e que dá título à obra referida no seu original. O que equivale à afirmação correlata e subsequente de que o homem desta América é um homem "sin más".

De outra parte, a identidade latino-americana não é obviamente uma identidade estática nem mesmo uniforme. É uma identidade histórica que, por isso mesmo, abriga em si mesma a diversidade e a pluralidade, assim como estas, por sua vez, implicam na unidade. Pluralidade e unidade simultaneamente. Nossa diferença, nossa igualdade. Somos iguais porque somos diferentes, insiste Zea.

Ademais, o filósofo não aceita compromissos com o embuste, explícito ou implícito, de considerar a cultura e a humanidade a partir de uma matriz única à qual as demais culturas deveriam submeter-se. Reclama para a América Latina e todas as culturas, a liberdade e igualdade, princípios que o Ocidente criou, mas se nega a reconhecer nos povos atingidos por seu colonialismo.

A partir da constatação da peculiaridade da nossa história apontou para a pluralidade cultural como expressão da pluralidade da história. E concluiu no sentido da inserção igualitária do homem americano no destino universal. Eis-nos, então, a rigor, diante da categoria histórica elaborada por Zea: a "mestiçagem" como condição de toda cultura universal concreta.

Nem sempre, no entanto, a obra filosófica de Zea tem sido entendida cabalmente. A partir de posições ortodoxas de variado tipo – desde dogmatismo dialético até o próprio escolasticismo – tem havido, por vezes, dificuldades de compreensão para a utilização de instrumental eclético de análise e a flexibilidade metodológica que revelam uma história das idéias feita com todas as conotações de um peculiar marxismo humanista e com influências subjacentes do racionalismo e do vitalismo (para aproximarmo-nos a categorias conceituais consagradas).

A aceitação da ambivalência de "todo" pensamento que supõe este ponto de vista faz com que o filósofo Zea defenda a necessidade da reconciliação com a própria história, isto é, o resgate de si mesmo na memória, como ponto de partida de toda libertação e como condição para salvar-se da irracionalidade ou da absolutização do abstrato. Nesse sentido, seu pensamento é dialético. Coloca ênfase na concepção do latino-americano como resultante da "práxis"

histórica. Suas formulações teóricas não fogem jamais do cotejo com a problemática da realidade.

Independente da obra filosófica, do ponto de vista pessoal, Zea foi também à *praxis*. É obra sua a criação, na *Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*, do *Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA)* onde os estudantes têm oportunidade de seguir uma carreira universitária completa, desde a graduação até o Doutorado, no campo de História, Filosofia e Literatura. Neste Centro pontifica o *Seminario de Estudios Latinoamericanos*. Este projeto, em certa medida, vai encontrar sua culminância depois no *Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos (CCyDEL)*.

Ademais, destaque-se o incansável papel de missionário do projeto latino-americano que Zea tem exercido por décadas, o que o fez palmilhar o continente incontáveis vezes, estimulando em todos os lugares a formação de centros de estudos latino-americanos. Esta realidade levou Roberto Fernández Retamar a sugerir vincular a Zea a expressão "Incitator Americae". E, convenhamos, neste terreno ninguém fez mais do que ele. Assim, na qualidade de ex-aluno é com sentimento de gratidão que cumprimento meu professor Leopoldo Zea e me associo às justas homenagens que, em todo o mundo, se prestam ao grande filósofo americano.

LEOPOLDO ZEA: UM GRANDE LEGADO PARA AMÉRICA LATINA

Entrevista com Werner Altmann

*A entrevista a seguir foi concedida pelo professor Werner Altmann por e-mail ao **IHU On-Line**. Nela, o professor comenta a relação que estabeleceu com Leopoldo Zea na condição de orientando no mestrado em Estudios Latinoamericanos História, realizado na Universidad Nacional Autónoma de México, e a importância da pessoa e da obra do filósofo falecido no último dia 8 de junho. Werner Altmann é professor e coordenador do PPG em História da Unisinos. Graduado em História pela UFRGS, é também doutor em História Econômica pela USP, tendo sua tese o título "O Estado no Capitalismo Periférico Latino-americano: os projetos Cardenista e Peronista de Unidade Nacional". O professor é autor do **Cadernos IHU** n.º 3, que tem como título "O pensamento político e religioso de José Martí". Ele também concedeu uma entrevista sobre Martí no **IHU On-Line** número 65, de 23 de junho de 2003, por ocasião da sua apresentação no **IHU Idéias** de 26 de junho de 2003, a partir do tema "José Martí: filho do mundo colonial e precursor do anti-imperialismo".*

IHU On-Line - Quais as razões que o levaram a cursar o mestrado no CELA? Naquela época, a influência do professor Zea já era notável?

Werner Altmann - O desejo de me especializar em História da América numa época em que não havia ainda cursos de Pós-Graduação no Rio Grande do Sul¹⁵. Como o desapareço pelo estudo nesta área era também praticamente absoluto em todo o Brasil, o caminho natural foi buscar o Centro de Estudios Latinoamericanos (CELA) fundado pelo Prof. Zea na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) que era, e é, como sabemos, a grande referência internacional nessa área. O CELA por ele fundado abarca o Mestrado e o Doutorado em Estudios Latinoamericanos em História, Filosofia e Literatura. A influência do Dr. Zea era já notável. Ele já era, na época, o filósofo americano mais conhecido internacionalmente.

¹⁵ O professor Werner Altmann cursou o mestrado no México de 1973 a 1975.

IHU On-Line - Como foi a sua convivência com o professor Zea? Que características dele mais o marcaram, como pessoa e como acadêmico? Qual foi, para o senhor, o principal legado dessa convivência?

Werner Altmann - Como orientando do Prof. Zea, tive com ele uma convivência amplamente gratificante. Como pessoa era compreensivo e estimulador constante de iniciativas, permitindo-me trabalhar com ampla liberdade. Sua enorme erudição, em relação à qual não tinha qualquer insegurança, não lhe impedia de ser igualmente simples. Tive o privilégio de haver recebido dele sua amizade pessoal. Era, ao mesmo tempo, trabalhador infatigável, tanto na sua obra, que é vasta, como também no seu papel de divulgador do ideal dos estudos latino-americanos, em nome dos quais palmilhou o Continente (e outros também) incontáveis vezes, e também em publicações (dirigiu a prestigiosa revista **Cuadernos Americanos** até o dia de sua morte, em 8 de junho deste ano) e na divulgação incessante de textos de pensadores latino-americanos, bem como de sua coluna dominical no **Jornal Novidades** da Cidade do México.

IHU On-Line - No que diz respeito à obra de Leopoldo Zea, qual é o principal legado, em síntese?

Werner Altmann - Seu legado está expresso basicamente a partir das 3 etapas fundamentais da elaboração de seu pensamento. A primeira etapa é a da *História das Idéias na América Latina* que se inicia de forma imponente com seu clássico **El Positivismo en México: nacionalismo, apogeo y decadencia**. A História das Idéias mostra a Zea que na América Latina se importaram idéias e projetos civilizatórios descolados das circunstâncias reais, os quais se convertiam, por isso, em ineficazes teorias acadêmicas ou eram instrumentalizados por minorias ilustradas. Daí a necessidade da tomada de consciência histórica que conduza a assumir a realidade americana, isto é, a reapropriação do próprio passado, o que implica um reencontro com a História Americana. Esse é o caminho que o leva, então, ao esboço do que se constitui na segunda etapa, a da Filosofia da História da América Latina. Vê-se, então, que Zea não se contenta em interpretar a realidade latino-americana. Seu projeto configura também sua radical transformação. A avaliação do passado é condição da possibilidade de um futuro próprio para a América Latina, chamando-nos a atenção para a imitação de modelos descompassados no tempo histórico, o que configura alienação colonizada. Por isso sua interpretação é fundamentalmente anúncio de um futuro projetado em autenticidade, num sentido "além da marginalidade colonial e aquém da utopia irrealizável" (Raúl Fornet Betancourt). Essa é a perspectiva que se abre em suas obras **América como Consciência** (1953), **América en La Historia** (1957) e que se aprofunda na elaboração explícita de uma filosofia do ser americano em **Dialéctica de La Conciencia Americana** (1976) e **Filosofia de La Historia Americana** (1978). Nestas obras, o discurso de Zea sobre a realidade latino-americana alcança sua plena maturidade, constituindo-se em projeto crítico de denúncia radical das condições de dependência e da dominação que negaram a humanidade do homem americano, mas que não busca sua realização pela via do isolamento do negado, mas por um caminho ecumênico que implica a afirmação solidária da humanidade de todos os seres humanos. Mas não se desconsidere essa questão essencial: esse caminho ecumênico requer como condição prévia a reivindicação da humanidade daqueles povos aos quais o colonialismo europeu negou a palavra própria, isto é, sua humanidade diferente. A terceira etapa é a da elaboração de uma filosofia da libertação latino-americana. Esta linha está clara em **Dependencia y Liberación en América Latina** (1974), **Latinoamérica Tercer Mundo** (1977) e **Discurso desde la marginación y la barbarie** (1988). Nessa etapa, seu discurso se formula e articula desde *la marginación y la barbarie* e tem seu eixo central na alteridade latino-americana, isto é, em seu projeto de realização histórica como realidade diferente que

reconhece ao outro como outro para que este, por sua vez, escute sua palavra e a reconheça como palavra humana. Seu discurso busca a comunicação universal e o reconhecimento mútuo com base na solidariedade e a igualdade entre as diferentes identidades culturais. Assim, à medida que a constatação da peculiaridade de nossa história aponta para a pluralidade cultural como expressão da pluralidade da história, podemos concluir no sentido da inserção igualitária do homem americano (e de todos os homens em essência) no destino universal. Daí a categorização que proponho para a filosofia de Leopoldo Zea: o latino-americanismo universal.

IHU On-Line - Na apresentação do livro “A filosofia americana como filosofia”, publicado em 1993, o senhor observa que “nem sempre” a obra de Leopoldo Zea “tem sido entendida cabalmente”. Transcorridos mais de dez anos, o senhor acha que essa situação mudou? Pode-se dizer que a academia americana apropriou-se adequadamente do pensamento de Leopoldo Zea? E no caso específico do Brasil?

Werner Altmann - De modo geral, posições dogmáticas inflexíveis não se alteram. Na oportunidade, aponte para as dificuldades demonstradas, por vezes, de compreensão para a flexibilidade metodológica e a utilização de instrumental eclético de análise. Segundo Adolfo Sánchez Vázquez¹⁶, o outro grande filósofo radicado no México, a oposição ao verdadeiro pensamento latino-americano como o que cultiva o Dr. Zea vem dos nostálgicos do pensar abstrato, intemporal – supostamente universal humano – da metafísica tradicional ou do racionalismo burguês ilustrado; dos que em nome do rigor, da assepsia ideológica estão sempre prontos a desqualificar como pura ideologia todo o pensamento do concreto, da circunstância. Este fato, entretanto, não esconde o enorme prestígio internacional alcançado por Zea, o filósofo latino-americano mais conhecido, mais condecorado e mais agraciado com títulos de doutor *honoris causa* nos mais variados países do planeta. Os CELAS pouco se espraíram na América Latina (em apenas alguns países), mas nos EUA mais de 200 centros de estudos constituem a LASA (Latin American Studies Association). No Brasil, a mentalidade colonizada, hegemônica na academia, tem impedido a apreciação adequada da obra do filósofo. Assim, pode-se dizer que são poucos os intelectuais brasileiros que procuraram se aproximar da obra de Zea, processo que talvez possa ser revertido a partir de agora, depois de seu falecimento.

IHU On-Line - Na sua opinião, Leopoldo Zea deixa algum sucessor? O senhor identifica, no cenário latino-americano, alguém com semelhantes propósitos e estatura teórica?

Werner Altmann - Lembre-se que a filosofia de Leopoldo Zea tem sua origem colocada na Revolução Mexicana que liquidou a vigência teórica do Positivismo no México. Ao fazer a crítica ao Positivismo, Zea abriu o caminho para a filosofia mexicana e também a latino-americana do século XX. De outra parte, quanto a eventual sucessor, considere-se que Zea não tem guardiões de sua ortodoxia (conforme Paulo Arantes) de acordo com a cultura acadêmica do ensino da filosofia no Brasil. Nesse sentido, é difícil identificar sucessor, mas, a partir de agora, com o crescente distanciamento da perspectiva histórica, sua obra passará, por certo, a ser mais estudada e, a partir das avaliações daí advindas, poderemos ter a continuidade do desenvolvimento dos estudos latino-americanos como ele propôs.

¹⁶ Entre seus livros traduzidos ao português citamos *As Idéias Estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; *Ciência e Revolução: O Marxismo de Althusser*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980; *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999; *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001; *Filosofia e Circunstância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. (Nota do *IHU On-Line*)

Entrevista da semana

MUDANÇAS CULTURAIS E ECONÔMICAS NA CHINA

Entrevista com Zhou Shu

*Retomando a temática da matéria de capa da última edição do **IHU On-Line**, de número 104, que tratou da China, publicamos a entrevista que realizamos por e-mail com a professora e pesquisadora Zhou Shu, que trabalha desde 1996 no Departamento de Filosofia da Universidade da China. Suas áreas de interesse são Teoria Visual, Estudos Culturais, Teorias da Concepção Artística do Ocidente, e, principalmente, as Teorias de Michel Foucault e Walter Benjamin. Zhou Shu é colunista e comentarista de publicações como o **China Woman's News**, **Eastern Morning Post**, **The Beijing News**, e **Book City**. Os temas de suas análises críticas são cinema, teatro e literatura.*

IHU On-Line- Quais são as principais características da cultura chinesa de massa contemporânea? Quais são os seus principais traços?

Zhou Shu - Primeiro, é preciso lembrar que na China existe, sim, uma cultura de massa crítica, porém, se existe alguma cultura de massa chinesa como aquela que a escola de Frankfurt identificou, ainda é questionável. Se houvesse alguma, a principal peculiaridade desta cultura de massa chinesa seria definida como miscigenação, não somente no sentido de geografia, cultura, etc. – Oriente X Ocidente –, mas também a miscigenação da diferença do interior da China. O fato de importar produtos culturais, principalmente dos EUA, Japão, Coréia, etc., criou um reflexo de um futuro prometido para os chineses locais. Embora muitos outros elementos típicos que Adorno e outros críticos listaram apareceram na China; não podemos concluir, porém, que uma sociedade de massa tipicamente homogênea tenha se estabelecido. Ainda hoje, mais de 70% da população chinesa pertence à zona rural, que é rodeada pelo híbrido da cultura de estilo ocidental e pela cultura chinesa tradicional e local, juntamente com a influência de Taiwan e Hong Kong. Heterogênea e híbrida podem ser as palavras adequadas para esta cultura denominada de cultura de massa chinesa, além de miscigenação. Dos filmes americanos (muito populares tanto na zona urbana, quanto no interior), passando pela reescrita e pela transformação da história chinesa em lenda, à idolatria da cultura popular de Hong Kong e Taiwan (que leva vantagem no idioma e na identificação cultural), e esses tantos elementos locais e exóticos, criam o ambiente ecológico atual da cultura chinesa. Se pudesse ser chamado de cultura de massa chinesa, então realmente deveríamos classificar as diferentes classes e regiões, para então poder falar sobre o assunto.

IHU On-Line- Relativamente ao período tipicamente comunista, quais foram as mudanças dessa cultura produzidas pela abertura do regime? Como esses dois períodos podem ser comparados?

Zhou Shu - As mudanças culturais causadas pela abertura do regime foram severas e extremas. Por um lado, as mudanças intensificaram um processo de democratização da cultura, liberaram e introduziram culturas heterogêneas na China. Enquanto, por outro lado, “despejando” novos valores, modas e diversões, juntamente com o *boom* econômico, causaram mudanças fantásticas no dia-a-dia da população, impulsionaram, mais do que nunca, o fetichismo pelo dinheiro, e extinguiram alguns valores na China tradicional; resumindo, as pessoas tendem a ser cada vez mais práticas e a visar lucros em primeiro lugar, o que é triste. Antes da abertura do regime, havia praticamente só um tipo de cultura sob instruções políticas

rigorosas e todas as formas artísticas estão a serviço da propaganda política. Antes da abertura, a existência de cultura de massa era menor. Podemos até mesmo confirmar que não havia cultura de massa no sentido típico antes da abertura. Esses dois períodos poderiam ser comparados em tantas diferentes direções que se pode dizer que a abertura modificou a maneira como os chineses vêem o mundo e a si mesmos.

IHU On-Line - As transformações na área cultural são proporcionais às mudanças na área econômica?

Zhou Shu - Atualmente, nem as mudanças na área cultural, tampouco na área econômica podem ser vistas com muito otimismo. O *boom* econômico chinês trouxe desenvolvimento desequilibrado, causando o aumento da distância entre pobres e ricos, a corrupção massiva em repartições públicas e a redistribuição do capital em grupos extremamente pequenos de pessoas (um pouco parecido com o que aconteceu na Rússia, porém em menor proporção). Oito por cento de crescimento não esconde os perigos existentes. Na área cultural, as coisas não são tão ruins assim, mas só um pouco melhores. Talvez, de acordo com a teoria marxista clássica na China, as mudanças na economia e na cultura não são proporcionais. O desenvolvimento econômico vai além da mudança cultural, entretanto, ambas são perguntas críticas para intelectuais chineses reverem.

IHU On-Line - Qual a participação do governo na área cultural? A censura persiste? Há algum tipo de incentivo cultural?

Zhou Shu - A participação do governo na área cultural é extensa, porém as ações negativas excedem as positivas. Embora a censura não seja tão rígida quanto antes da abertura, ainda há muitas áreas proibidas, das quais *Tiananmen square event* [o evento na praça Tiananmen] é um exemplo claro; mesmo o 4 de junho é um novo tabu na China atual. A participação resulta, principalmente, em duas consequências: o *boom* de produtos culturais puramente comerciais e uma redução de introspecção na arte (o último também pode ser o resultado de vastas requisições de produtos comerciais). Entretanto, com a perda de controle do governo em relação à cultura e à mídia, parece haver uma tendência de renovação. Porém, as pessoas ainda estão presas por um "fio" político invisível, que, por sorte, tem certa flexibilidade. Existem medidas de incentivo cultural em muitos campos, mas elas acabam se tornando sistemas de avaliação muito obscuros. Como resultado, essas medidas têm somente a função de instruir a direção da cultura para onde o governo quer que ela vá, e por esta razão não incentivam muito, mas são sinais de instruções para as propagandas. Gradativamente, as coisas estão sendo menos controladas, mas existe um longo caminho a ser percorrido.

IHU On-Line- Como a senhora define o ambiente cultural chinês?

Zhou Shu - Este ambiente é um lugar onde os fatores que se misturam "jogam" juntos. Existem forças comerciais, instruções políticas e limites, e há também aqueles que se aproveitam do aparente caos para desenvolver sua própria arte. O problema é que o ambiente heterogêneo ainda está por ser criado, pois as pessoas não têm muitos caminhos para escolher.

IHU On-Line- Quais são, na sua opinião, as realizações mais importantes, nos últimos anos, nas áreas do cinema, teatro e em outras manifestações artísticas importantes, como a música?

Zhou Shu - Apesar da esfera cultural estar se misturando com limites diferentes, houve alguns grandes trabalhos em campos diversos. No campo do cinema, os filmes de Jia Zhangke são extraordinários. Zhantai e XiaoWu estão perto de serem considerados obras-primas;

representam uma memória coletiva das pessoas provincianas que nasceram entre 1970 a 1980, a qual compõe uma parte recente do *boom* atual da camada social. Apesar do filme *Blind Shaft* de Li Yang ter sido filmado por uma fundação cinematográfica alemã, ele se tornou um dos filmes de maior sucesso dos últimos anos. Embora ele não possa ser lançado na China Continental, espalha-se por meios não-governamentais, tais como sessões restritas em cafés ou universidades. Um outro filme ótimo, porém sem lançamento oficial é o *Guizi Laile*, uma coletânea e re-escritura da guerra antijaponesa, o qual é muito incisivo e inspirador. Por ter participado do Festival de Cannes em 2000 sem a permissão do governo, é proibido até hoje. Tais conflitos entre artistas e governo são o principal problema enfrentado atualmente na China. No campo teatral, tenho que admitir que em áreas onde se fala chinês, o maior avanço dos trabalhos artísticos não pertence à China Continental, mas sim a Taiwan e Hong Kong. No continente, a avaliação da principal corrente, junto com o sistema aprovado de recebimento em massa, é ainda uma herança da chamada tradição realista, na qual as formas de narração heróica e sublime são freqüentemente utilizadas. Existem outras tendências atreladas às necessidades comerciais, tais como as últimas peças de Meng Jinghui, as quais vão ao encontro do gosto burguês. O efeito de cultivar novos conceitos de teatro do diretor Lin Zhaohua, é impressionante. Depois de Cuijian, dificilmente haverá outros músicos com sua influência e conquistas. Contudo, isto não é por sua música em si, mas pela emoção transmitida na música feita por ele. No campo da música, a arte sonora de Wang Fan e a música de Dou Wei, etc. têm feito sucesso, porém em escala limitada.

IHU On-Line- A influência cultural do Ocidente é significativa no seu país?

Zhou Shu - Sim, especialmente dos Estados Unidos. Eles tornam-se cada vez mais uma terra prometida par os chineses, mesmo depois do 11 de setembro. O inglês, especialmente o americano, assume um papel fundamental no cotidiano chinês: está ligado ao ingresso em escolas, a certificações de trabalho e, até mesmo, promoções em departamentos. Por exemplo, você não recebe o diploma de professor universitário, se não tiver passado nos exames de inglês oral e escrito, não importando qual a disciplina que você ministrará, até mesmo para Filosofia Chinesa. Isso sem mencionar a grande influência ocidental no dia-a-dia das pessoas, pois nos lugares mais distantes, no interior do país, se vêem camisetas com o nome de Michael Jordan e do Chicago Bulls. Nesse sentido, os EUA têm sucesso na sua colonização cultural.

IHU On-Line - Como a senhora classificaria o grau de conhecimento do Ocidente, e em especial dos brasileiros, em relação à cultura chinesa?

Zhou Shu - Lamento informar que, na China, o Brasil não se inclui no conceito de mundo ocidental, assim como nenhum dos países de Terceiro Mundo, não importando se é na África ou na América do Sul. O mundo ocidental na China são os Estados Unidos, o Canadá, a União Européia e, até mesmo, a Austrália, mas o Brasil, não. Sei que isso magoa, mas a verdade é que, do ponto de vista chinês, o Brasil significa somente futebol, samba, belas mulheres e churrasco. Algumas pessoas podem até saber quem é o Gilberto Gil, porém não o consideram brasileiro, e sim um músico latino, isso sem mencionar outras pessoas nem tão famosas assim. A idéia chinesa do Brasil é de um país que possui apenas valores exóticos e nada mais. Os filmes, a literatura e a música brasileira são totalmente desconhecidos para a massa chinesa. É uma terra de fantasia, mas somente isso. Não sei dizer se a massa chinesa possui algum outro conhecimento do Brasil, além daquele que eu citei acima. A idéia que existe é fruto da imaginação.

Deu nos jornais

A OMS denuncia pactos para impedir remédios baratos nos países pobres

Germán Velásquez, coordenador do Drug Action Programme da Organização Mundial da Saúde, denunciou, dia 7 de junho, segundo notícia publicada no jornal **El País**, 8-6-04, que as indústrias farmacêuticas e a pressão dos EUA estão obstaculizando a adoção, por parte dos países pobres, das medidas de exceção previstas na normativa internacional das patentes (TRIPS) para ter acesso a remédios baratos. Velásquez explicou que os EUA estão firmando acordos comerciais bilaterais com vários países (entre eles Costa Rica, Jordânia, Chile) aos quais exige “renunciar às medidas de exceção que lhes permitiria o acesso a remédios mais baratos”.

Estresse no trabalho

Os celulares, *notebooks* e micros de mão estão aumentando o nível de estresse no trabalho, diz um estudo da Universidade de Surrey (Inglaterra), que procurou examinar o uso dos novos aparelhos de comunicação no escritório. A informação é da **Folha de S. Paulo**, 7-6-04. O estudo diz que o uso desses aparelhos é inapropriado e distrai as outras pessoas. Mais da metade dos entrevistados disse que esses aparelhos não deveriam ser usados em uma reunião ou em conversas com outras pessoas. Apenas 11% disseram que os celulares devem permanecer ligados durante uma reunião. As mensagens de texto em celulares também foram criticadas. Mais de 80% dos consultados consideram ‘inadequado’ olhar ou enviar mensagens de texto.

Jovens assassinados

“O assassinado brasileiro típico tem idade, sexo e cor definidos – e até dia marcado para morrer. Estudo realizado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) mostra que a maioria das vítimas é do sexo masculino, tem entre 15 e 24 anos, é negra e morre aos finais de semana, alvejado por arma de fogo. Com 27,1 homicídios por 100 mil habitantes por ano, o Brasil aparece em quarto lugar entre os 67 países pesquisados. Fica atrás da Colômbia (68 por 100 mil), de El Salvador (37) e da Rússia (28,4).” “É especialmente alarmante no caso brasileiro a concentração de assassinatos entre jovens. A taxa de homicídios quando considerada apenas a faixa entre 15 e 24 anos chega a 54,5 por 100 mil, contra 21,7 no restante da população. Pior, o ritmo de crescimento dos homicídios entre jovens nos últimos anos supera o do aumento verificado na população geral”. A opinião e os dados constam do editorial da **Folha de S. Paulo**, 9-6-04.

Software livre consolida laços com o setor público no Brasil

5º Fórum Internacional de Software Livre, encerrado dia 5 de junho, em Porto Alegre, evidencia crescimento do projeto junto à administração pública. Redução de custos, maior liberdade para produzir conhecimento e inclusão digital são algumas das razões que explicam expansão do projeto no Brasil. A **Agência Carta Maior**, 7-6-04, publica uma reportagem que permite ter uma boa idéia da importância deste Fórum, realizado na PUC-RS e que recebeu uma parca cobertura da grande imprensa. Segundo a **Agência Carta Maior**, “do total de participantes, 1.014 pessoas representaram instituições ou empresas, número considerado recorde pela organização do evento. Na avaliação de Marcelo Branco, um dos coordenadores do projeto no Brasil, o Fórum foi fundamental para a compreensão de que o *software* livre é uma idéia de

interesse público, que envolve, em um sentido mais amplo, a luta pela liberdade do conhecimento. Os participantes do Fórum debateram temas relacionados à democratização da internet, à propriedade intelectual e à criação de um fundo de solidariedade, uma taxa nas vendas de *software* e *hardware* destinada a levar tecnologia da informação a países que não têm acesso a ela. No encerramento do FISL, foi assinado um acordo de cooperação as organizações não-governamentais Hipatia, Solar (Software Livre Argentina) e o Programa Software Livre Brasil, consolidando uma parceria internacional para a promoção do *software* livre na América Latina”.

Sites em *software* livre

A **Agência Carta Maior** também noticia que no 5º FISL houve o lançamento, pela prefeitura de Porto Alegre, de uma ferramenta para criação de sites em *software* livre, que administra e publica conteúdos. Desenvolvido com sistema operacional aberto pela Procempa, empresa de tecnologia do município, o Proweb Livre oferece grande agilidade para a elaboração de um site, sem necessidade de conhecimentos técnicos de HTML e outras linguagens de programação para sua manutenção. Segundo Joel Raymundo, presidente da Procempa, a nova ferramenta dá maior velocidade e uma nova dinâmica para o trabalho de atualização dos sites, permitindo que os próprios usuários façam a atualização.

EUA transformou o Iraque num santuário para terroristas

“Iraque não era nenhuma ameaça para os EUA, nem era um santuário para terroristas, mas conseguimos que muita gente nos odeie, e esse ódio não vai desaparecer tão cedo. Cada vez que entramos numa casa no Iraque e prendemos uma mãe, cada vez que batemos num iraquiano, cada vez que ferimos ou matamos a um deles, estamos criando inimigos que vão permanecer por muito tempo. Temos criado uma reserva de rancor contra os EUA que é absolutamente desnecessária”. A declaração é de Richard A. Clarke, que foi assessor da Casa Branca até março de 2003, em entrevista publicada no jornal **El País**, 8-6-04.

Al Qaeda mudou

“Antes do dia 11 de setembro de 2001, a Al Qaeda era uma organização hierárquica na qual Bin Laden e seus mais estreitos colaboradores tinham aprovar pessoalmente os grandes atentados” – analisa Richard Clarke, na entrevista publicada no **El País**, 8-6-04. Depois da intervenção no Afeganistão essa organização hierárquica se partiu em pedaços. É como se ao cortar-lhe a cabeça, se tivesse dividido em quatro ou cinco peças diferentes. Agora temos, provavelmente, uma dúzia de grupos independentes: Jamiaa Islamiya, na Indonésia; Abu Sayyaf, nas Filipinas; os grupos salafistas do norte da África; o Movimento Islamista de Uzbequistão, que atuam de maneira autônoma e que perpetraram o dobro de atentados nos 32 meses posteriores ao 11-S que nos três anos precedentes”.

O custo econômico da violência no Brasil

A violência custa ao Brasil 10,5% do Produto Interno Bruto (PIB), ou cerca de R\$ 160 bilhões, segundo o relatório “As dimensões econômicas da violência interpessoal”, divulgado dia 9 de junho ao fim de uma conferência da Organização Mundial de Saúde (OMS) na Áustria. Apenas em gastos de saúde, o custo é de 1,9% do PIB, aproximadamente R\$ 30 bilhões. Em perdas materiais causadas pela violência, o custo chega a 3,4% do PIB. A notícia está publicada no jornal **O Globo**, 10-6-04. Segundo o jornal, o relatório foi divulgado na 7ª Conferência sobre

Prevenção de Ferimentos e Promoção de Segurança e reúne estatísticas antigas, como no caso do Brasil.

Faculdade cria MBA do Luxo

A Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo, criou o curso MBA do Luxo. A notícia é do **Jornal do Brasil**, 6-6-04, e descreve que a pós-graduação foi desenvolvida para empresários ou gerentes de lojas do mercado do luxo. A primeira turma teve 400 inscritos e 25 selecionados. O coordenador do curso, Carlos Ferreirinha, é ex-diretor da Louis Vuitton no Brasil. Com a autoridade de quem já esteve à frente de uma das marcas mais famosas do mundo, Ferreirinha ensina ao seleto grupo de alunos como conquistar os clientes de alto poder aquisitivo. “A sociedade trabalha com códigos sociais, que dá muita importância ao *status*, à promoção social”, diz Ferreirinha. O ex-diretor da Louis Vuitton garante que o mercado de luxo está em plena expansão no Brasil, com crescimento anual de mais de 30%. Os segmentos que mais crescem são os de perfumes e cosméticos, confecção e acessórios.

Comércio Justo

A onda do “comércio justo” cresce nos Estados Unidos. Matéria publicada n’**O Estado de S. Paulo**, 8-6-04, relata que, em um “supermercado nos arredores de Boston da rede americana Whole Foods Market, a prateleira de café estava recentemente forrada com folhetos prometendo doar 5% das vendas para os produtores. As etiquetas proclamavam que os grãos foram “comprados de acordo com padrões internacionais de comércio justo”. Os panfletos perguntavam: “O seu café é justo com os produtores?”. Uma campanha internacional em franco e rápido crescimento e que “propõe que se pague a produtores rurais de países pobres mais do que o preço de mercado para *commodities* como café, banana e cacau”. Segundo a campanha, o dinheiro extra estaria destinado a ajudar os produtores a ter acesso à educação, saúde e projetos de treinamento. Mas a experiência desse tipo de comércio tanto na Europa como nos Estados Unidos tem demonstrado que “os maiores ganhadores nem sempre são os produtores rurais – podem ser grandes varejistas que às vezes cobram preços bem mais altos em produtos de comércio justo enquanto se promovem como bons cidadãos corporativos”. A falta de informação dos consumidores que desconhecem o valor do produto repassado aos produtores tem favorecido a exploração. “A Sainsbury, rede britânica de supermercados da J Sainsbury PLC, já vendeu bananas com selo de comércio justo por mais do quádruplo do preço de bananas convencionais – e mais de 16 vezes o que os produtores recebem”. Várias são as redes que exploram o comércio justo. “Os supermercados estão tirando vantagem do selo para ganhar mais lucro porque eles sabem que os consumidores estão dispostos a pagar um pouco mais porque é comércio justo”, conclui a matéria.

O consumo ético e responsabilidade social

Uma pesquisa mundial elaborada pelo instituto norte-americano NOP, para a The Co-operative Group (grupo britânico distribuidor de alimentos, entre outros produtos), evidencia que “seis de cada dez consumidores britânicos estão dispostos a boicotar produtos não éticos, ou seja, produtos fabricados ou comercializados por empresas que não pratiquem a responsabilidade social junto ao seu público de interesse”. A matéria é da **Gazeta Mercantil**, 8-6-04. A pesquisa mostrou que há aspectos éticos considerados na decisão de compra por parte dos consumidores. Afirma a matéria que “mais de 12% dos consumidores se preocupam diariamente com a qualidade dos alimentos, o meio ambiente e os direitos dos animais. Cerca de 45% querem que se dê mais apoio aos produtores dos países em desenvolvimento e 35% estão dispostos a pagar mais por produtos éticos”, concluiu a pesquisa.

Subsídios bilionários para os agricultores do primeiro mundo

Os agricultores dos países da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE, que reúne os mais industrializados do mundo) receberam ajudas no valor de 229,473 bilhões de euros (quase R\$ 900 bilhões) em 2003. Os produtores destes países obtiveram 32% de seu faturamento graças às subvenções agrícolas, enquanto no ano anterior este percentual foi de 31%, segundo relatório apresentado dia 10 de junho, na Bélgica, pela direção da OCDE. Os fundos destinados à agricultura nesses países totalizaram 311,994 bilhões de euros, mas só uma parte chega ao bolso dos agricultores. No apoio aos produtores, a OCDE destaca as diferenças entre os países ricos: na Austrália e Nova Zelândia, 5% da renda do agricultor procede de subsídios; na América do Norte, 20%; na União Européia, 35%; e na Suíça, Islândia, Japão, Coreia do Sul, Noruega e Suíça, mais de 60%. Os EUA concederam a seus agricultores ajudas no valor de 34,675 bilhões de euros (R\$ 135 bilhões); a UE, 108,251 bilhões de euros (R\$ 470 bilhões); e o Japão, 39,904 bilhões (R\$ 155 bilhões). A organização indicou que os subsídios agrícolas que mais distorcem o comércio diminuíram, mas ainda assim continuam a prejudicá-lo. A notícia está publicada no **Jornal do Brasil**, 11-6-04.

Obs: A editoria *Deu nos Jornais* foi preparada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, com sede em Curitiba, PR.

Frases da semana

Lula e a joblesse recovery

"O Brasil corre o risco de ter uma *jobless recovery*, a volta do crescimento econômico sem a criação de empregos. A economia cresce, mas, com o aumento da produtividade, não absorve mais mão-de-obra. O que levaria àquela frase: a economia está bem, mas o povo vai mal". - **Timothy J. Power**, coordenador dos cursos de pós-graduação em ciência política da Universidade Internacional da Flórida e presidente da Brasa (Brazilian Studies Association - **Folha de S. Paulo**, 11-6-04).

Lula mudou!

"O discurso de Lula em 1989 era: "se eu ganho, alguém tem de perder". Era um discurso redistributivo. Mas hoje o que faz ele: a iniciativa do Fome Zero não é redistributiva. Em vez de identificar a miséria relativa, identifica a miséria absoluta. Ou seja, vamos enfatizar a salvação dos pobres lá embaixo, mas isso não implica tirar nada de ninguém. É um discurso bem diferente. A palavra burguesia sumiu do discurso. Ele trocou a guerra de classes pela guerra de políticas públicas. É um avanço, porque prega soluções em vez de conflitos". - **Timothy J. Power**, coordenador dos cursos de pós-graduação em ciência política da Universidade Internacional da Flórida e presidente da Brasa (Brazilian Studies Association - **Folha de S. Paulo**, 11-6-04).

"Na história brasileira, todos os políticos procuraram acomodar as forças conservadoras. Mais à direita, o governo Lula não pode ir. Daqui em diante tem de trabalhar mais pela esquerda". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia, integra a Brasa (Brazilian Studies Association), autor do livro "Diálogos na Sombra: Bispos e militares, torturas e justiça social na ditadura" - **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

PT: igual a todos os partidos

"Antes o PT se dizia um partido que não integrava como os outros o sistema partidário. Poder se dizer fora do sistema era uma vantagem. Agora passou a integrá-lo plenamente, o que o iguala aos demais partidos". - **Timothy J. Power**, coordenador dos cursos de pós-graduação em ciência política da Universidade Internacional da Flórida e presidente da Brasa (Brazilian Studies Association) - **Folha de S. Paulo**, 11-6-04.

"Falta criatividade. O partido (PT) se burocratizou. Faz parte do sistema. Nunca mais será como antes. Tem dificuldade de viver sem ser oposição". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia - **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

Software e cultura livre

"Venho da terra da liberdade, da livre iniciativa, do comércio livre e até no livre-arbítrio. Quando se fala em *software* livre e em cultura livre, a comemoração da liberdade desaparece". - **Lawrence Lessing**, professor de direito de propriedade intelectual de Stanford - **Folha de S. Paulo**, 8-6-04.

País esquizofrênico

"Temos que aproveitar esse momento para resolver essa situação um pouco esquizofrênica de um país com tanta demanda social e de infra-estrutura, de tanta pobreza, de tantas possibilidades e condições de se desenvolver, que não consegue romper o círculo vicioso da estagnação". - **José Dirceu**, chefe da Casa Civil - **O Globo**, 9-6-04.

"Dirceu, o presidente da República, o PT, com uma ou outra exceção, é que perderam por completo o contato com a realidade desde que venceram as eleições de 2002". - **Clóvis Rossi**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 10-6-04.

SuperLula

"Eu vou mudar o mapa geopolítico do mundo". - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, durante sua viagem à China - Coluna de Elio Gaspari - **Folha de S. Paulo**, 13-6-04.

O Senado e a vergonha. Ou a falta de...

"O Senado vive uma jornada de vergonha – ou de falta dela. Primeiro, aprovou para o TCU um senador investigado pelo desaparecimento de R\$ 13 milhões. Segundo, violentou o próprio regimento para votar às pressas, abrindo e fechando sessões com intervalos de um ou dois minutos, a emenda que recupera 40% das vagas de vereadores cortadas pela Justiça". - **Ricardo Noblat**, jornalista - **Folha de S. Paulo**, 10-6-04.

Loteria para a educação?

"Acho estranho um governo que quer acabar com os bingos pensar em lançar uma loteria para a educação". - **Cristovam Burque**, senador - **O Globo**, 10-6-04.

"O mecanismo das loterias é perverso, pois tira dinheiro dos mais pobres, que são os que mais jogam. É um assalto voluntário em que, em vez de revólver, usa-se a roleta". - **Cristovam Buarque**, senador - **O Globo**, 10-6-04.

Reagan

"Não sou insensível aos sentimentos de muitos estadunidenses que estão de luto por Reagan, mas ao mesmo tempo rogo a Deus que na sua infinita misericórdia e bondade o perdoe por ter

sido o carniceiro do meu povo, responsável pela morte de 50 mil nicaragüenses, não podemos, não devemos esquecer nunca os crimes que cometeu em nome do que falsamente chamou 'a liberdade e a democracia'". – **Miguel D'Escoto**, padre, ex-ministro das relações exteriores da Nicarágua – **La Jornada**, 11-6-04.

O comércio mundial e o aumento da desigualdade

"A triste verdade é que o mundo hoje é um lugar muito mais desigual do que há 40 anos". - **Kofi Annan**, secretário-geral da ONU - **Folha de S. Paulo**, 13-6-04.

A universidade americana

"A academia dos EUA fez a opção pelos ricos". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia - **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

"Harvard tem um patrimônio de US\$ 20 bilhões, maior do que o PIB de diversos países. Tudo isso se faz sem reflexão. Para que serve essa riqueza acumulada? As universidades americanas estão cada vez mais empresariais. O professor é cada vez menos importante. Cumpre sua tarefa de dar aulas e vai para casa. Não é sindicalizado, não tem voz na administração da universidade". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia - **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

"Em Yale, onde estudei, há embates constantes entre a universidade e trabalhadores sindicalizados. Não há consciência social. E os professores não questionam, querem fazer suas carreiras, ganhar títulos, publicar livros. Isso faz parte, mas não basta". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia, **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

Universidade brasileira

"Na área educacional, a universidade (brasileira) é um subsídio para a classe média". - **Kenneth Serbin**, historiador, professor da Universidade de San Diego, na Califórnia - **Folha de S. Paulo**, 12-6-04.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

COMUNICAÇÃO VISUAL URBANA E O USO DO ESPAÇO VISUAL PÚBLICO

A próxima edição de **IHU Idéias**, dia 17 de junho de 2004, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, terá como tema o debate "Comunicação Visual Urbana: pensando o uso do espaço visual público". A convidada da próxima quinta-feira é a Prof^a. Dr.^a Lara Regina Moralles Espinosa, profissional da área do design e professora das Ciências da Comunicação da Unisinos. A professora é graduada em Arquitetura pela UFRGS, mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com dissertação intitulada "A participação da cor no discurso do anúncio impresso", tendo concluído recentemente o doutorado em Ciências da Comunicação também pela Unisinos, com tese intitulada "**Interações com a comunicação visual urbana – pesquisa qualitativa em Porto Alegre e na BR116, trecho Porto Alegre – Canoas**". Leia, a seguir, a entrevista que a

professora concedeu ao **IHU On-Line** por e-mail, comentando os principais aspectos do tema que será desenvolvido durante o evento da próxima quinta-feira. Lara Espinosa gostaria que o problema em questão fosse mais debatido em nível acadêmico, especialmente no sentido de apontar novas estratégias para uso do meio.

IHU On-Line - Quais serão as idéias centrais da apresentação "Comunicação Visual Urbana: pensando o uso do espaço visual público", no próximo IHU Idéias?

Lara Espinosa - Na minha tese, estudei as interações de diversos agentes sociais com os elementos da Comunicação Visual Urbana. Este estudo tem interface com diversas áreas do conhecimento, permitindo vários desdobramentos da pesquisa. Na palestra do IHU, gostaria de discutir sobre a viabilidade do debate público sobre o uso do espaço visual urbano.

IHU On-Line - O que as formas visuais das metrópoles contemporâneas nas quais convivem expressões ultramodernas com outras artesanais podem dizer sobre a sociedade contemporânea?

Lara Espinosa - Os artesãos são produtores da linguagem visual de uma cultura, assim como cada um dos elementos da comunicação visual urbana que, observada em seu conjunto, é um painel expressivo da nossa sociedade. Quando não normatizado, esse espaço mostra a convivência e também as estratégias de ocupação na disputa pela visibilidade entre os vários segmentos que ali comparecem. Mostra, e isto é o que me encanta, como essas várias expressões dialogam entre si. Entre a linguagem hegemônica da publicidade, e a linguagem artesanal há um número enorme de variantes e hibridações. Pode-se tratar o excesso desse tipo de material como poluição visual, e há vários parâmetros para se definir os limites do que é e do que não é poluição visual. Eu chamo de compósitos intensivos de comunicação visual. Trata-se de um deslocamento (do conceito de poluição), para que a observação possa ser feita por outra ótica.

IHU On-Line - Na reflexão sobre o uso do espaço visual público, quais foram, no seu ponto de vista, as formas mais criativas e comunitárias constatadas a esse respeito?

Lara Espinosa - Quando na disputa, as forças são desiguais, vale a maior criatividade. Posso destacar como uma pequena placa aplicada em postes pode ser mais comunicativa que um grande *outdoor*. Um aluno escreveu uma monografia sobre um tipo de placa feita com latas de conserva usadas. As latinhas, depois de abertas, eram pintadas de branco com letras vermelhas. Nelas, estava escrito: "Jesus voltará". Foram espalhadas às centenas pela cidade. Pode ser obra de uma ou mais pessoas (quem sabe?). O que se sabe é que elas chamaram a atenção pelo inusitado, pela quantidade e pela uniformidade do visual rústico e mal desenhado. Do ponto de vista desse espírito de grupo, são muito criativos os grafites e algumas pichações.

IHU On-Line - Poderia descrever o espaço visual público e as constatações feitas sobre ele de alguma cidade ou bairro especificamente abordado na sua pesquisa?

Lara Espinosa - Na pesquisa, foram observados o trecho da BR-116, entre Porto Alegre e Canoas, como exemplo de espaço não normatizado; e o espaço da cidade de Porto Alegre, como um exemplo de tentativa de normatização. Digo tentativa, porque, há mais de dez anos, o problema é discutido. Leis foram formuladas, mas o debate parece inesgotável. As questões são específicas de cada local, mas, de um modo geral, as interações entre os agentes sociais e os elementos da comunicação visual urbana ocorrem segundo interesses que podem ser institucionais ou particulares. A pesquisa qualitativa dessas interações pode apontar para novos modos de tratar o espaço visual público.

LIMITES ÉTICOS DA PESQUISA CIENTÍFICA

No próximo dia 24 de junho, *IHU Idéias* encerra a temporada do primeiro semestre de 2004 com a palestra “Limites éticos da pesquisa científica: reflexões a propósito da genética”, com o Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Junior, da Unicamp. Durante o mês de julho, não haverá *IHU Idéias*. O evento será retomado normalmente na primeira semana de agosto.

Ciclo de Estudos sobre o Brasil

CICLO DE ESTUDOS APRESENTA *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO RAMOS

A obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, será o tema da próxima edição do evento **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**. Quem estará conduzindo o debate e o estudo será a Profª MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. A professora é mestre em Linguística e Letras pela PUCRS. Sua dissertação intitula-se “A História do Brasil na literatura para crianças”. Célia Dóris concedeu uma entrevista ao *IHU On-Line* sobre Simões Lopes Neto, sob o título “Simões Lopes Neto não foi esquecido”, na edição de número 73, de 1º de setembro de 2003. Confira a entrevista sobre a obra de Graciliano Ramos, que a professora concedeu, por e-mail, na última semana. O evento acontece no próximo dia 17 de junho, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU.

***IHU On-Line-* Por que estudar *Vidas Secas* é um momento importante no contexto de um Ciclo de Estudos sobre o Brasil? Como a obra ajuda a conhecer o País?**

Célia Dóris Becker- A obra em destaque atende aos objetivos a que se propõe o Ciclo de Estudo sobre o Brasil: abordar textos que retratem o que é o Brasil. *Vidas Secas* se destaca no conjunto de outras produções que, na década de 30, se preocuparam em apresentar uma visão crítica da realidade social brasileira, a dos primórdios da primeira fase do Brasil moderno.

***IHU On-Line-* O que destacaria do contexto histórico no que foi escrita a Obra?**

Célia Dóris Becker- Publicou-se *Vidas Secas* pela primeira vez em 1938. É importante considerar-se o contexto da década de 30, pois tudo se inter-relaciona. Os registros históricos assinalam que entre 1935 e 1937 o país viveu um pesado clima de autoritarismo. No final de 1934, Getúlio Vargas fechou a Aliança Nacional Libertadora (ALN) – instrumento de ação política da esquerda, liderada por comunistas, que desejava unificar a pequena burguesia e os trabalhadores. Esse fato desencadeou uma série de outros. Em novembro de 1935, eclodiu e foi sufocada a Intentona Comunista, um conjunto de rebeliões isoladas, descoordenadas, sem a participação das massas. O temor do fantasma comunista impeliu a classe dominante e o oficialato a apoiarem Getúlio Vargas, que, autoritariamente, instalou o Estado Novo em 37. Esse foi o momento em que se silenciaram sindicatos e se amordaçou quaisquer manifestações de oposição fossem elas políticas ou culturais. Objetivando mudanças econômicas que se impunham, o Estado Novo aspirou realizar uma modernização conservadora de cima para baixo, sem mexer nas relações sociais vigentes. Esse contexto tumultuado inspirou Graciliano Ramos, culminando com a criação de *Vidas Secas*.

***IHU On-Line-* Qual assinalaria como principal riqueza literária do livro e do autor?**

Célia Dóris Becker- Autor e obra devem ser considerados como um todo. A abordagem do literário naturalmente ressalta o valor, a habilidade, as qualidades estéticas do escritor. Graciliano Ramos se revela em *Vidas Secas* pela elaboração combinada do tema com o discurso. Em consequência disso, além da luta pela sobrevivência dos migrantes, o leitor se depara com a representação do lado marcadamente humano das personagens. Embora a miséria agreste dos espaços palmilhados por Fabiano e por sua família reforce a carência material de suas vidas, o autor direciona o olhar do leitor para a interioridade das personagens na qual emoções, sentimentos, sonhos e sensibilidade os apresentam como seres humanos comuns. Como grupo, a família de Fabiano se caracteriza pelo primitivismo dos recursos empregados na comunicação interpessoal, resultado dos grosseiros e indeficientes meios de sociabilidade a que teve acesso. O nível interno das personagens, entretanto, surpreende o leitor por revelar a grande capacidade de estabelecer relações coerentes sobre os homens e sobre o mundo. O trabalho desse lado das personagens é magistralmente desenvolvido pelos recursos adotados na composição da obra. O discurso empregado revela aspectos importantes sobre elas. Por exemplo, a carência vocabular das personagens e a ausência de diálogos entre os elementos da família sublinham a dificuldade de comunicação, o isolamento de cada membro. A referência ao emprego de gestos, de onomatopéias, de exclamações, de resmungos é empecilho, autêntica barreira no processo de interação social. O valor estilístico do discurso de *Vidas Secas* é reconhecido por muitos críticos que ressaltam o cuidado do artista com a escolha das palavras, a preocupação com o essencial. A sobriedade do estilo é fruto de cuidadosa elaboração, conforme expressa o próprio autor:

Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar.

Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.

***IHU On-Line-* Como as realidades de opressão apresentadas no livro estão presentes na atualidade brasileira?**

Célia Dóris Becker- O tema de uma obra literária tinge-se pela emoção, gera sentimentos de simpatia, de indignação que provocam um julgamento de valor. Tomando como base o contexto social da primeira edição de *Vidas Secas*, e comparando-o com a realidade circundante, o leitor deste 2004 percebe que ainda persistem muitas questões denunciadas naquela época. Oprimem os fabianos de hoje a falta de condições de criar raízes na terra, a impossibilidade de definir novas perspectivas para si e para sua família, a luta por mudanças que tardam, a sua anulação como ser humano, a humilhação a que o submetem as estruturas econômicas, a falta de perspectivas para os descendentes, sérios candidatos a protagonistas das mesmas histórias do passado. E a lista não se esgota nisso...

A Era Vargas em questão

A Era Vargas em questão é o tema do Seminário Nacional que se realizará nos dias 23 a 25 de agosto de 2004 na Unisinos. O Seminário é uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos e do Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos que, por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, querem debater o legado da Era Vargas. O evento tem como objetivo analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o significado da Era Vargas para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas. O Seminário é dirigido à comunidade acadêmica da Unisinos e das escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre. Será fornecido certificado de participação aos inscritos.

Programa

Entre os conferencistas estão:

- Prof. Dr. Luiz Werneck Vianna, do IUPERJ, que falará no dia 23 de agosto sobre o tema "A Era Vargas: o seu impacto na história sociopolítica brasileira";
- Prof. Dr. Marco Antonio Villa, da UFSCAR, que no dia 24 de agosto ministrará a palestra "Era Vargas: seu contexto sociohistórico, político e econômico";
- Prof. Dr. Marco Aurélio Santana, da UNIRIO, que falará no dia 25 de agosto sobre "O Movimento Operário na Era Vargas: o movimento sindical, as greves e os partidos políticos";
- Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos, da UFJF, que é responsável pela conferência "Getúlio Vargas e a revolução brasileira" no dia 25 de agosto;
- Leonel de Moura Brizola, presidente nacional do PDT, com o tema "Testemunho sobre o período Vargas – 1950-54". (a confirmar)

O evento ainda contará com os depoimentos de Lauro Hagemann e João Aveline e muitas oficinas além de uma exposição no Espaço Cultural do IHU, no período de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004.

O programa completo e definitivo com as conferências e oficinas será publicado nas próximas edições do **IHU On-Line** e no sítio do IHU www.ihu.unisinos.br Para maiores informações: humanitas@poa.unisinos.br

Encontro de Ética para Alunos

Na tarde de hoje, dia 14 de junho de 2004, o Instituto Humanitas Unisinos convida a todos interessados a participar do debate *Os desafios éticos no mundo do trabalho*, durante mais uma edição do **Encontro de Ética para Alunos**. O responsável pela condução da temática é o Prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do IHU e professor no PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. O evento acontece na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, é gratuito e aberto ao público.

Encontro com líderes religiosos

Na próxima quinta-feira, dia 17 de junho, o Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo do IHU (GDIREC) promove o **Encontro com Líderes Religiosos**, das 8h30min às 12h, na Sala do Conselho das Ciências Humanas.

As Sete Mulheres e as Negras sem Rosto

Acaba de ser publicado o nº 17 dos **Cadernos IHU Idéias**. O título é **As sete mulheres e as negras sem rosto. Ficção, história e trivialidade**. O texto é da autoria do prof. Dr. Mário Maestri, professor no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). O artigo é uma fascinante reflexão sobre o livro de Letícia Wierzchowski, **A casa das sete mulheres** e que foi transformada na minissérie pela Rede Globo. Paixão excelente, deusas pastoris, transação social, viúvas alegres, as tetas da negra Xica, república negreira e mistificação ideológica são alguns dos subtítulos desse caderno que propicia uma boa discussão sobre literatura e mídia, entre outros assuntos. Os **Cadernos IHU Idéias** lançados no mês de junho de 2003, podem ser adquiridos na Livraria Cultural, ao lado do IHU. Para maiores informações: humanitas@poa.unisinos.br

A universidade pública sob nova perspectiva

A série **Multitextos** do Instituto Humanitas Unisinos publica no seu número 6, a conferência de abertura da 26ª reunião anual da ANPEd, realizada no dia 5 de outubro de 2003. A conferência intitulada *A Universidade pública sob nova perspectiva* foi proferida pela Profª. Dr.ª Marilena Chauí. **Multitextos** é uma publicação do IHU que visa a colocar à disposição do corpo docente e discente da Unisinos, textos, artigos, reportagens que possam contribuir na discussão e no debate dos temas pertinentes às áreas de concentração do IHU, que são Ética, Trabalho e Teologia Pública. Para maiores informações: humanitas@poa.unisinos.br

Exposição Resistência Urbana – Insetos na Hemeroteca

Do dia 7 a 18 de junho, acontece a exposição Alberto Semeler - *Resistência Urbana – Insetos* (Pintura e Vídeo-Arte) na Hemeroteca/Espaço Cultural das Ciências da Comunicação da Unisinos. A visitação é das 13h30min às 22h.

Alberto Semeler é um artista que trabalha com diferentes mídias, atuando entre os limites de várias expressões artísticas, como a pintura, a performance e a vídeo-arte. Natural de Campo Novo (RS), frequentou as oficinas de desenho do Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, de 1985 a 1990. Cursou também a faculdade de Música no Instituto de Artes da UFRGS, de 1986 a 1988; Dança clássica com Tony Pietzhold, de 1986 a 1990; Dança contemporânea, com Eva Schul, de 1988 a 1992; Bacharelado em Pintura no Instituto de Artes da UFRGS, de 1988 a 1992; e Mestrado em Poéticas Visuais, com orientação de Romanita Disconzi, de 1993 a 1995. Atualmente é professor de Computação Gráfica, no Instituto de Artes da UFRGS.

Sobre o artista e sua exposição, publicamos dois artigos. Um deles é de Marcia Leão Bonnet, PhD em História e Teoria da Arte pela Universidade de Essex (Reino Unido, 2001) e professora adjunta de História da Arte do Departamento de Artes Visuais da UFRGS. O outro é do

professor Dr. Gilmar Hermes, das Ciências da Comunicação da Unisinos, que nos enviou o material. Agradecemos ao professor Gilmar pela sugestão.

EFEMERIDADE E PERMANÊNCIA

Insetos – vidas efêmeras. O papel como suporte – facilmente descartável, facilmente reciclável. Traços rápidos. Lápis, carvão, pastel... Se por um lado o trabalho de Alberto Semeler remete à transitoriedade das coisas e à irreversibilidade do tempo, por outro, cria um espaço de suspensão onde insetos são imortalizados, capturados em um momento que, de outra forma, teria sido fugidio mas que agora permanecerá... Vida e morte tornam-se assim companheiras de viagem, desafiando o tempo que, numa parada forçada, captura paradoxalmente a transitoriedade em fatias congeladas.

Porções de metamorfose cristalizadas – transmutações documentadas que testemunham as passagens entre nascimento-vida-morte, dando assim continuidade ao ciclo fundamental que une todas as coisas no universo. Assim, somos convidados a participar destes momentos fugidios que se estenderão através da nossa observação, por que sua permanência maior não se dará através do papel, reciclável, facilmente destrutível, mas através da memória dos que observam. Não só uma memória plástica que registra linhas, cores e texturas, como também a memória emocional que associará sensações, experiências, sentimentos, pensamentos. Aí, em última instância, reside a permanência do efêmero.

ALBERTO SEMELER – “RESISTÊNCIA URBANA – INSETOS” Pintura e Vídeo-Arte

Os insetos invadem as nossas casas e nós não percebemos a sua entrada silenciosa. Surpreendentemente surge a cesta de pães cheia de formigas. Elas são quase imperceptíveis, mas juntas são poderosas e a sua aparência monstruosa inspira os filmes de terror. As baratas nos causam nojo e as aranhas nos assustam com seu potencial veneno.

Na *Metamorfose*, de Kafka, um ser humano se dá conta da sua transformação em inseto. É como se o seu olhar pudesse sair do interior do apartamento e cobrir a visão de todo o espaço urbano com suas caixas de concreto e janelas. Os cubos ociosos agrupam-se entre as ruas, onde se pode ver alguns insetos e seres humanos. Na alienação do trabalho, desempenhamos tarefas repetitivas, sem saber o porquê. Como os insetos, só servimos a um comando central, construindo um sistema através da depredação e da corrosão do nosso meio.

Nesta exposição, vemos desenhos que Alberto Semeler fez em meados da década dos anos 1980 e que podem ser vistos como parte da gênese dos seus trabalhos em vídeo-arte. Pintura, desenho, dança, teatro e música repercutem em seus trabalhos de vídeo-arte. Ele desenvolve uma pesquisa trabalhando com os pontos limites entre diferentes técnicas. Hoje, Alberto é professor do Laboratório de Multimídia do Instituto de Artes da Ufrgs.

Sofrendo de epilepsia, Semeler acredita que foi o contato com taturanas nos primeiros anos de sua infância que provocou alterações químicas no seu sistema nervoso. A natureza do ambiente rural onde vivia enquanto criança se manifestou novamente nos tempos em que estudava arte e morava na Casa de Estudante, no Centro de Porto Alegre. O bairro abriga milhares de humanos em seus inúmeros prédios e também a natureza que coexiste através de um verdadeiro ecossistema de baratas, cupins e formigas. Ao lado dos insetos, resistem os mendigos e aqueles considerados inoportunos, também criando a sua própria rede de sobrevivência.

Os trabalhos que Alberto apresenta aqui são desenhos feitos entre suas aulas no Atelier Livre da Prefeitura e no Instituto de Artes, no período de 1984 a 1988. Em função das dificuldades econômicas, fez uso de materiais reciclados, papel *craft* e tinta de construção, o que mais tarde levaria ao desenvolvimento de uma pintura matérica. Na época, seus colegas exercitavam intensivamente o abstracionismo e ressurgia a figuração do neoexpressionismo. Semeler quis produzir signos vazios através dos insetos, que não eram abstratos, mas não contavam nenhuma história. Essa busca de um signo vazio talvez apenas marque um traço contrafóbico devido ao seu trauma infantil com as taturanas. Amplificou esses seres que causam repugnância como se estivessem num museu de História Natural e fossem observados com uma lupa.

Existências insignificantes são tratadas como as manchas das grandes telas que se justificam pelo fazer do artista. O artista faz para existir e a arte sobrevive na sua insistência. Os insetos também sobrevivem e tornam-se grandiosos na sua condição de ser nada.

A performance que faz parte do vídeo foi feita no RU, junto à Casa de Estudante, onde Semeler participava das atividades culturais e desenvolvia atividades com meninos de rua freqüentadores do local. Quem costumeiramente estava por ali ao meio-dia assistiu o trabalho feito pelo artista e os meninos. Ocorre a cena de um parto e os materiais plásticos usados são restos de açougue, cabelos humanos, cola, terra e farinha.

IHU REPÓRTER

Cláudio Dornelles Mello Jr.



Nascido em Cruz Alta e tendo vivido muito tempo em Santa Maria, o professor e coordenador do curso de Engenharia Elétrica da Unisinos, Cláudio Dornelles Mello Jr., é o perfil traçado nessa edição. Na entrevista a seguir, ele conta sua história de vida, relatando aspectos de sua formação, trajetória profissional e constituição familiar. Leitor do IHU On-Line desde o início da publicação, Cláudio Mello conta que recebe a revista semanalmente e a lê com "volúpia".

Origens – Sou natural de Cruz Alta e morei lá até os 13 anos. Em função da atividade profissional do meu pai, que era supervisor de uma empresa, nos mudamos para Santa Maria, onde morei até os 30 anos. Minha mãe é professora aposentada pelo Estado. Tenho uma irmã e um irmão mais novos. Tivemos uma criação mais focada no que minha mãe pensava, pois meu pai viajava muito, devido à sua profissão. Eu e meus irmãos sempre fomos muito próximos, até nas opções profissionais: todos optaram pela área técnica.

Formação – Estudei em Cruz Alta nas escolas Dom Antônio Reis e Margarida Pardelhas, ambas estaduais. Quando fomos para Santa Maria, estudei no Instituto de Educação Olavo Bilac, onde terminei o primeiro grau. Cursei todo o segundo grau na Escola Estadual de 2º Grau Prof.^a Maria Rocha. Terminada essa etapa, passei no vestibular para Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Santa Maria, em 1986. Em função do

serviço militar, iniciei o curso em 1987. Formei-me no final de 1991. No ano seguinte, ingressei no mestrado em Engenharia Elétrica – sistemas de energia, também na UFSM, concluindo-o em 1994.

Profissão – Durante o mestrado, comecei a trabalhar como engenheiro autônomo em Santa Maria. Depois apareceu a oportunidade de fazer um concurso e entrar como funcionário público na UFSM. Trabalhava há um ano nessa função, quando surgiu uma oportunidade para docente na própria universidade. Como eu já tinha mestrado, facilitou na seleção e no meu ingresso como professor substituto na Engenharia Elétrica. Desde o primeiro contato com a atividade docente, senti gosto e facilidade. Eu já tinha proximidade com o corpo docente da instituição por participar de grupos de pesquisa, mesmo na condição de funcionário. No início de julho de 1997, foi aberto processo seletivo na Unisinos para a área em que eu atuava. Candidatei-me, participei do processo seletivo e fui aprovado. Desde então sou professor de Engenharia Elétrica na Universidade.

Coordenação de curso – Estou envolvido com a coordenação do curso de Engenharia Elétrica desde 1999. Inicialmente, devido a problemas de saúde do professor Irineu Ronconi, então coordenador. A partir de 2000, atuei como coordenador adjunto, exercendo esta atividade até setembro de 2001. Nesta época, fui indicado para assumir a coordenação executiva do curso. Além do desafio proposto, a coordenação representou uma grande oportunidade de crescimento e desenvolvimento de habilidades pessoais, profissionais e de conhecimento da universidade. Ela requer um envolvimento maior e uma predisposição ao todo do curso. Está sendo muito bom.

Família – Conheci minha esposa, Valéria, em 1990 durante a graduação na UFSM. Ela estudava Pedagogia. Nos casamos em 1996. Ela é minha cúmplice, minha amiga, uma pessoa que sempre me apoiou muito, inclusive me incentivou a vir para a Unisinos. Nós temos um filho de um ano e nove meses, o Gabriel. Um filho é algo que muda completamente a vida da gente, no sentido das perspectivas, prioridades, na maneira de conduzir as coisas, no convívio social. Pretendemos ensinar para o Gabriel a busca pelo diálogo e discernimento. Na época em que vivemos, é muito difícil concretizar uma linha de ação para educar um filho. As crianças hoje são muito espertas, recebem muitos mais estímulos. Às vezes, ele nos dá mostras de que precisamos mudar a nossa postura, porque não reagiu como esperávamos. O que tenho como premissa é manter sempre o diálogo e o máximo de abertura com meu filho, passando sobretudo confiança e a idéia de parceria, fazendo com que ele saiba que, seja o que for, ele sempre poderá contar comigo.

Autores – Mario Quintana, Érico Veríssimo, Robert Kurz, Pablo Gentili, Josué Guimarães, Arthur Conan Doyle.

Livro – *Os Ratos*, de Dyonelio Machado.

Filme – *Sociedade dos Poetas Mortos*, de Peter Weir.

Presente – Qualquer um, desde que seja surpresa.

Nas horas livres – Curtir a família, minha casa.

Hobby – O plastimodelismo. Parece coisa de criança, mas não é. São conjuntos de peças (*kits*) plásticas em que a temática varia dependendo da área. Meu interesse é em aviação. A partir destes *kits*, monto e caracterizo aviões em miniatura. Só que não fica apenas na montagem, tem toda uma questão de pesquisa envolvida. Por exemplo, todas as montagens caracterizam ou situam o modelo (avião) a uma determinada época, situação ou contexto. Para isso, é preciso uma pesquisa técnica e histórica, a fim de caracterizá-lo o

mais próximo da realidade. É um legítimo *hobby*, sendo necessário da paciência e predisposição à meticulosidade. Existem associações nacionais e internacionais dedicadas ao assunto. No Brasil, há uma boa difusão, mas o acesso é limitado, em função do custo e da dificuldade de encontrar no mercado. Os materiais envolvidos *kits*, tintas, livros e ferramentas, são caros e, na grande maioria, importados. Hoje isso está em terceiro plano na minha vida. Requer algo que ultimamente não disponho em quantidade: tempo.

Um sonho – No âmbito pessoal, meu sonho é fazer o doutorado e realizar uma grande viagem com minha esposa e meu filho. Em um sentido mais amplo, gostaria que nossa sociedade fosse permeada pela distribuição e pelo compartilhamento, uma concorrência para o bem comum. Queria que não houvesse todo esse fetiche em volta do mercado, do dinheiro. Fico pensando nisso, de maneira um tanto utópica, mas é um sonho também.

Momento marcante – O nascimento do meu filho, indiscutivelmente.

Unisinos – Um excelente lugar para se trabalhar, sempre possibilitando inúmeras oportunidades e aprendizados. A Unisinos representa crescimento profissional e pessoal. Ela cria e renova um ambiente para que se possa procurar algo mais, sempre. Em função da minha experiência anterior de universidade pública, tenho o sentimento que a experiência de vida é muito maior e mais intensa aqui. Isso porque se trabalha com um público que exige mais, que em muitos casos, tem dificuldade para conduzir sua formação e possui uma grande força de vontade. Valorizo e admiro isso.

IHU – Tive uma grata surpresa em 2001, com o início das atividades do Instituto Humanitas. Já participei de alguns ciclos de palestras e gostei muito. Os temas chamam muito a atenção, com questões éticas, políticas, da conjuntura nacional e mundial. Quando os primeiros boletins começaram a chegar via e-mail, eu procurava sempre ler, porque, às vezes, temos dificuldade de encontrar certas pessoas falando sobre determinado assunto, e o **IHU On-Line** trazia isso pronto. Quando apareceu a versão impressa melhorou mais ainda. Parabéns aos idealizadores do Instituto Humanitas Unisinos.

Carta do leitor

"Gostaria de parabenizá-los pelo **IHU On-Line** n.º 103. Excelente!!! Gostei também da capa. O mundo apresenta muitas coisas encantadoras, sem dúvida. Mas as pessoas, as pessoas são especiais. São simplesmente maravilhosas. Acho que a capa do IHU, expressa com toda a sinceridade, a leveza, o poder e o valor da criação, a potencialidade do impressionante ser humano, exercendo a sua humanidade".

Darli Sampaio, Curitiba - PR

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS